



FACULDADE RATIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

FRANCISCO EUDES ALVES FEITOSA

**A IMPORTÂNCIA DO KARATÊ PARA O DESENVOLVIMENTO
PSICOMOTOR DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES E PARA O CONTROLE
DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS ESTADUAIS E MUNICIPAIS DO CEARÁ**

FORTALEZA - CE
2019

FRANCISCO EUDES ALVES FEITOSA

**A IMPORTÂNCIA DO KARATÊ PARA O DESENVOLVIMENTO
PSICOMOTOR DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES E PARA O CONTROLE
DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS E ESTADUAIS DO CEARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na aula de educação física da Faculdade Ratio como requisito para a obtenção do título de licenciatura em Educação Física.

Orientador: Helton Bernardino Lima

FORTALEZA - CE
2019

FRANCISCO EUDES ALVES FEITOSA

**A IMPORTÂNCIA DO KARATÊ PARA O DESENVOLVIMENTO
PSICOMOTOR DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES E PARA O CONTROLE
DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS ESTADUAIS E MUNICIPAIS DO CEARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade Ratio como requisito para a
obtenção do título de licenciatura em Educação Física Escolar.

Aprovado em: ____ de _____ de _____ .

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Helton Bernardino Lima

Prof. Mestre Antônio Adriano da Rocha Nogueira

Prof. Mestre Paulo Gabriel Lima da Rocha

FORTALEZA - CE
2019

Dedico esse trabalho a toda minha família e amigos que sempre me incentivaram a abordar esse tema. Dedico também a todos os alunos que poderão ser beneficiados com a aprovação desse projeto e que terão suas vidas transformadas através das aulas de karatê inseridas nas aulas de Educação Física nas escolas.

Agradeço a Deus e a toda minha família, principalmente minha mãe que sempre me incentivou a buscar o que fosse necessário para que conseguisse alcançar todos os meus sonhos e objetivos sem que ninguém fosse afetado pelas escolhas feitas, ou seja, sempre com honestidade e trabalho. Agradeço a Faculdade Ratio por nos proporcionar bons professores que nos ajudam em nosso aprendizado. E agradeço a todos os professores que sempre estavam comigo nessa batalha.

"Determinação coragem e autoconfiança são fatores decisivos para o sucesso. Se estamos possuídos por uma inabalável determinação conseguiremos superá-los. Independentemente das circunstâncias, devemos ser sempre humildes, recatados e despidos de orgulho."

(Dalai Lama)

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é mostrar a importância da prática da luta educativa como desenvolvimento psicomotor e no controle da violência de alunos nas escolas através do karatê. Proporcionar harmonia, princípios de respeito, domínio próprio, determinação e humildade, bem como promover a integração e socialização entre os alunos, para assim desenvolver o espírito de esforço e cooperação nos mesmos. Ao utilizar a psicomotricidade nas aulas de karatê para incentivar a integração entre alunos e comunidade no seu contexto sócio educativo, consegue-se integrar pessoas consideradas normais e pessoas com alguma deficiência unindo-as em um só ambiente de estudo físico e mental que as aulas de karatê junto com a psicomotricidade proporcionam. Aulas essas onde não existe distinção de raça, classe social, religião e nem distinção física ou psíquica em que todos são tratados com igualdade e tolerância procurando mostrar que o karatê é uma das aulas de lutas em que o respeito ao próximo é bastante trabalhado. Portanto, torna-se visível que é um esporte completo que trabalha corpo, mente e espírito ao mesmo tempo, durante a realização de suas apresentações, tanto nas aulas de educação física como nas demonstrações nas comunidades. Acrescenta-se ainda sua importância no controle da agressividade de alunos para com professores e colegas de escola e fora dela também, chegando à conclusão que com as aulas de karatê na escola podemos mudar o futuro de várias crianças e adolescentes dentro e fora da mesma.

PALAVRAS-CHAVE: karatê. Psicomotricidade. Desenvolvimento. Agressividade.

SUMMARY

The aim of the present work is to show the importance of the practice of the educational struggle as a psychomotor development and in the control of violence of students in schools through karate. Provide harmony, principles of respect, self-control, determination and humility, as well as promoting integration and socialization among students, developing the spirit of effort and cooperation in them. Using psychomotricity in karate classes to encourage integration between students and community in their socio-educational context, integrating people considered normal and people with some disability. Uniting them in a single environment of physical and mental study that the classes of karate along with the psicomotricidade provide. These classes where there is no distinction of race, social class, religion and no physical or psychic distinction. Where all are treated with equality and tolerance. Seeking to show that karate is one of the classes of fights where the respect to the next one is enough worked. It is a complete sport that works body, mind and spirit at the same time while performing your presentations, both in physical education classes and in demonstrations in communities. And also in controlling the aggressiveness of students towards teachers and schoolmates and outside of it as well. Coming to the conclusion that with the karate classes in school we can change the future of several children and adolescents in and out of school.

KEYWORDS: karate. Psychomotricity. Development. Aggressiveness.

ABREVIATURAS E SIGLAS

KARATÊ-DÔ- Caminho das Mãos Vazias

KARA- Vazio

TÊ- Mãos

DÔ- Caminho

ATEMI-WAZA - Conjunto de técnicas aplicadas nos pontos vitais

NAGE-WAZA - Técnicas de Arremessos

KATAMI-WAZA - Conjunto de técnicas aplicadas sobre as articulações e sistema circulatório

UKE-WAZA - Técnicas de Defesas

KIHON - Prática das técnicas fundamentais

KATA – Sequência de Movimentos com técnicas pré-determinadas

KUMIT E - Luta, Combate

CARATECA - Praticante de Karatê

DOJÔ - Local onde se treina

SENSEI - Título honroso para professor e ou mestre

GUICHIN FUNAKOSHI - Mestre japonês que criou o estilo shotokan de karatê

SUN TZU - General de guerra chinês e escritor do livro A ARTE DA GUERRA

SHOTOKAN - Estilo de karatê

KANT - Filósofo Alemão

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

FILOSOFIA - Palavra grega que significa AMOR À SABEDORIA

ÉTICA - Conjunto de regras e preceitos de ordem valorativa e moral de um indivíduo, de um grupo social ou de uma sociedade.

OKINAWA - Ilha japonesa onde foi criado o karatê do estilo shotokan

HABERMAS - Filósofo e Sociólogo alemão.

FIGURAS

FIGURA 1-----	31
FIGURA 2-----	34
FIGURA 3-----	44
FIGURA 4-----	52
FIGURA 5-----	67

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO-----	01
1.1- Limitações do Estudo-----	04
1.1.1-Objetividade-----	04
1.1.2-Especificidade-----	04
1.2 – Justificativa-----	05
2- PICOMOTRICIDADE-----	07
2.1-Desenvolvimento e aprendizagem psicomotora-----	25
3- ATIVIDADES FÍSICA NA INFÂNCIA-----	28
3.1- A Questão das Lutas nas Aulas de Educação Física-----	31
4- O PORQUÊ DO KARATÊ?-----	34
4.1 - Histórias do Karatê-----	37
4.2 - Karatê no Brasil-----	42
4.3 – Karatê no Ceará-----	44
4.4 - Significados das Cores das Faixas do Karatê-----	46
4.5- O Karatê-Dô como Fonte Lúdica para Aprendizagem-----	48
5- O ENSINO DO CONTEÚDO LUTAS E A VIOLÊNCIA ESCOLAR-----	52
6- DIFICULDADES ENFRENTADAS EM SALA DE AULA-----	64
7-ABORDAGENS-----	71
7.1- Abordagens Críticas Superadoras-----	71
7.2 - Abordagens Críticas Emancipatórias-----	73
8- METODOLOGIA-----	75
9- CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	76
10- REFERÊNCIAS-----	79

1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo destacar a importância do Karatê-Dô como componente para o desenvolvimento psicomotor de crianças e adolescentes e no controle da violência nas escolas tanto estaduais como municipais do estado do Ceará, mostrando seu poder de promover equilíbrio e socialização do educando nas escolas, uma vez que a busca da perfeição durante a execução das técnicas de Karatê-Dô pode propiciar a perfeição na realização de outras atividades do cotidiano e no controle da agressividade. De modo que hábitos e atitudes desenvolvidas sejam levados como modelo comportamental tanto para a escola, como para a relação com seus familiares e no meio social em que está inserido.

A importância dos componentes curriculares requer que sejam desenvolvidos na escola, expressando um sentido significativo que abrange e compreende as relações desse tema com a realidade socioeconômica e cultural de uma comunidade, cidade e país. Conforme os Parâmetros Curriculares originaram as ideias psicológicas referentes especificamente ao pensamento psicopedagógico, psicomotor e à experiência no controle e prevenção da violência escolar.

A proposta curricular dá ênfase à formação intelectual do aluno. O karatê-Dô em particular, tem por meta a formação e o fortalecimento físico, mental e espiritual dos praticantes.

Na Educação Física Escolar o professor e aluno sempre estão frente a oportunidades de articulação das múltiplas dimensões que a abordagem educacional do esporte proporciona.

Uma luta esportiva como o Karatê-Dô abrange também essas oportunidades por ter uma estrutura vinculada a princípios filosóficos que permeiam as relações dentro e fora do ambiente escolar. Ações que visem incluir as Artes Marciais como meio de potencializar o desenvolvimento físico e emocional do aluno devem ser avaliadas com profunda atenção pelos professores de Educação Física e equipe técnica das escolas.

O processo histórico e de desenvolvimento do Karatê-Dô, o qual há muito tempo passou por uma transformação esportiva, mas sua formação tradicional de luta e suas respectivas regras continuam limitando algumas técnicas, garantindo, com isso, a segurança dos praticantes. O Karatê-Dô enquanto objeto de educação, atinge todos os

seus propósitos, entre eles: a melhoria da saúde física e mental; capacidade de raciocínio; flexibilidade; reflexo; autoestima e autocontrole. Pode-se interligar a mente e o corpo, descobrindo suas potencialidades e tornando-se seguro e confiante, fazendo com que muitos sejam atraídos para esta prática esportiva.

Sob a ótica sociológica, permite uma visão pedagógica da atividade no âmbito escolar. Assim, através de estudos de diversos fundamentos científicos, temos hoje a concepção atual da criança considerada como um ser que apresenta várias fases de evolução com características próprias e específicas, portanto, devem-se usar diversificadas formas de ensinar na escola. O Karatê-Dô é uma delas, no qual os alunos podem desenvolver todo o seu potencial de forma prazerosa, tendo uma forma correta de respiração e utilização do seu corpo, produzindo uma série de benefícios à sua saúde, em especial por estar em fase de crescimento e assim automaticamente controlar seu instinto agressivo. Deste modo, o Karatê-Dô visa desenvolver na prática a capacidade física, mental e de defesa.

Como princípio básico, considera-se a aprendizagem como forma de superação da dificuldade, isto tem seu resultado refletido na vida, “ocasionando a força mental”, ou persistência necessária para superar obstáculos ao longo da vida. Superar o medo da luta, enfrentar o mundo dentro da realidade, notando que o preparo físico e mental é imprescindível à capacidade de nela influir. A criança praticante do Karatê-Dô torna-se mais confiante nas suas potencialidades, uma modalidade individual que oferece autoconfiança, melhorando a autoestima e o autorrespeito fazendo com que a pessoa se sinta valorizada. As grandes virtudes do Karatê-Dô são a prudência e a humildade.

A violência é um problema crescente nas sociedades, basta acompanhar a mídia e os noticiários ou mesmo observar os locais que frequentamos para notar que este tema incide das mais variadas formas.

DANIEL, 1982 apud COSTA, 1984 ressalta que no Brasil, pesquisas nesta área são realizadas há décadas. Em um estudo intitulado Fenomenologia Crítica da Violência Urbana, foi traçado um perfil da violência urbana no Brasil, na década de 1980, cuja listagem dos fenômenos violentos foi imensa: violência na escola; violência policial; violência nas ruas; violência no trânsito; nos serviços de saúde e daí por diante.

Neste contexto, ABRAMOVAY (2002) na obra intitulada *Escola e Violência*, discute a realidade vivida por jovens em situação de vulnerabilidade social e as violências sofridas por eles, como a discriminação, envolvimento com drogas, o cotidiano nas escolas, reações às agressões na escola, caracterização de grupos de alunos envolvidos com a violência, dentre outros temas que remetem à situação atual.

Com isso, a autora evidencia que a violência está presente nas instituições de ensino e resulta em grandes consequências para os alunos, prejudicando seu desenvolvimento emocional.

Consideramos a escola como uma das responsáveis pela educação do indivíduo e da formação do caráter do cidadão, um ambiente no qual se aprende a conviver com as diferenças entre as pessoas em situações diversas. Entretanto, o comportamento violento, intolerante e desrespeitoso dos alunos demonstra um quadro preocupante que sinaliza uma ruptura no sistema educacional e nos faz refletir sobre alternativas para desenvolver as habilidades sociais dos alunos e educá-los sobre o tema violência.

Com o foco voltado para esta temática, refletimos sobre a atuação dos professores de Educação Física na escola que por meio dos conhecimentos específicos da Cultura Corporal de movimento são agentes capazes de contribuir ativamente no processo de transformação educacional.

Desta forma, abordamos nesta pesquisa o ensino do conteúdo lutas como uma alternativa que pode contribuir para uma discussão crítica e reflexiva sobre o tema violência na escola.

Em BRASIL, 1998 fala que de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a prática pedagógica das lutas é um conteúdo programático da Educação Física escolar.

De acordo com CARREIRO, 2005; DEL VECCHIO e FRANCHINI, 2006; NASCIMENTO, 2007, a inserção deste tema nas aulas de Educação Física se depara com barreiras que prejudicam ou até mesmo inviabilizam seu processo de ensino aprendizagem como, por exemplo, a falta de vivência em lutas por parte dos professores e a correlação deste tema.

1.1 - Limitações do Estudo

Todo o processo desta monografia foi muito gratificante e de grande importância no nível de experiência e de conhecimento. Entretanto, tive algumas dificuldades enquanto o trabalho evoluía. Não foi fácil conciliar a vida profissional com os trabalhos acadêmicos e a vida pessoal, mas essa foi uma boa escolha, em detrimento das outras que tive que abdicar.

1.1.1 - Objetividade

Esse trabalho teve por maior objetivo mostrar a importância de se ensinar uma modalidade de luta (karatê) aos alunos das escolas públicas municipais e estaduais, mostrando valores socioeconômicos, conhecimentos e domínio das ações motoras de locomoção e conceitos que serão aprendidos durante as aulas sobre a origem do Karatê e suas particularidades. No controle da violência hoje bastante encontrada dentro e fora das escolas.

1.1.2 - Especificidade

A especificação desse trabalho é ajudar aos professores e futuros estudantes de Educação Física a entender a importância dessa arte marcial (karatê) para a formação psíquica e motora de seus alunos dentro da escola, pois essa arte garante a seus praticantes a possibilidade de reconhecimento corporal através da alternância dos golpes, além de lateralidade e noção espacial ajudando a construir outras possibilidades de movimentos e reelaborando as práticas já vivenciadas.

Além disso, promove interação dentro do ambiente escolar, passando aos praticantes como respeitar o colega, professores e demais pessoas e faz com que seus praticantes superem suas inibições através da apresentação do que foi aprendido.

Portanto, os praticantes atingirão equilíbrio físico e emocional com a utilização da prática da psicomotricidade, socialização e integração de todos os praticantes estimulando seus sentidos de atenção e alerta e melhorando a concentração, disciplina e respeito com o próximo.

1.2 - Justificativa

Assim, justifica-se esse trabalho com a compreensão do problema da violência numa perspectiva histórico-social, em que fica demonstrada que ela tem raízes profundas que ultrapassa desde a crise familiar, enquanto instituição social, até as desigualdades no âmbito econômico, social, político e cultural.

A justificativa para o estudo da agressão na criança em âmbito escolar não precisa se basear em suas manifestações nos adultos. Comportamentos agressivos podem ser observados nas interações sociais das crianças com seus pais, companheiros e outros adultos. É provável que nenhuma teoria isolada chegue jamais a explicar a grande diversidade de comportamentos humanos agressivos.

Por ser um conteúdo importante a ser vivenciado por todos que frequentam as aulas de educação física ou não, as lutas em geral podem ser o início para muitos debates interessantes dentro da escola, como: as brigas (ex: as brigas das torcidas organizadas); formação de gangues; violência dentro das próprias escolas; inclusive dentro das universidades. O que será que os alunos pensam sobre atitudes violentas? Essas são algumas das questões que as lutas, e principalmente, o karatê, traz para diálogos e debates durante suas vivências.

As lutas são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade. Podem ser citados como exemplo de lutas desde as brincadeiras de cabo-de-guerra e braço-de-ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do karatê.

As atividades de luta são suscetíveis a serem aplicadas no âmbito escolar, devido a sua grande quantidade de vantagens que apresenta, como:

- o desenvolvimento do sentido do tato;
- a descarga e o controle da agressividade, fazendo isto a todas as outras atividades cotidianas;
- aumento da responsabilidade, porque “obriga” o aluno a garantir integridade física dos demais companheiros;

- desenvolvimento de habilidades motrizes básicas, especialmente aos movimentos e giros;
- incremento a condições físicas de forma globalizada, força, resistência, velocidade e flexibilidade;
- ganho de segurança já que os alunos se familiarizam com as caídas e contato físico;
- precisam usar constantemente esquemas como: percepção, decisão e execução;
- favorece a integração de todos os alunos já que incluem todo só tipo de pessoas com características morfológicas e fisiológicas diferentes;
- aprendem normas de grupo e respeitar os outros companheiros.

Nas ideias de GichinFunakoshi sobre a prática do Karatê-Dô como forma de educar, está na concepção de que a aprendizagem e o desenvolvimento dependem não só do intelecto (é importante destacar a relação de equilíbrio mente/corpo), mas da prática assídua e da própria experiência mental e física.

O karatê tem muito em comum com outras atividades físicas: aumento da aptidão motora; aquisições de habilidades específicas (autodefesa); atividades sociais e etc. Mas se distingue de algo muito importante: muitos esportes orientam potencialmente para a competição e enfoque em ganhar, no entanto, esta arte marcial tradicionalmente asiática, expõe uma concentração de conhecimento, melhoramento e controle de si mesmo. Combina aspectos psicológicos, filosóficos e incluídos espirituais que beneficiam crianças e adolescentes, no processo de passagem de criança ao adulto.

Do ponto de vista Cronológico: O karatê pode ser praticado desde idades muito pequenas. Já do ponto de vista biológico: As aulas de karatê são feitas para melhor acompanhar e ajudar no desenvolvimento biológico de cada etapa. São feitos exercícios de acordo com as idades dos alunos.

Do ponto de vista psicossocial: a partir da transição da idade criança adulto, começa-se a formas os “grupinhos”, a prática do Karatê pretende reunir crianças e jovens para fazer exercícios físicos cabíveis a cada um.

Podemos incluir o karatê adaptado para pessoas deficientes e pessoas especiais, pois há comprovação de sua importância para uma melhor transformação de vida para essas pessoas.

A partir de pesquisas, há registros que a prática do Karatê para pessoas portadoras de deficiência física temporária ou permanente pode ser viável, uma vez que já existe a prática do Karatê para essas pessoas, o Karatê em Cadeira de Rodas.

O Karatê em Cadeira de Rodas atua simultaneamente como autodefesa e como bom exercício, no desenvolvimento de capacidades, de reflexos e força, para pessoas deficientes. Para isso, adaptou-se um sistema similar aos métodos aplicados no Karatê Tradicional para o Karatê em Cadeira de Rodas.

Os métodos utilizados no ensino do Karatê adaptado são os ideais para as pessoas que estão se recuperando de doenças ou se encontram fisicamente fracas ou que por alguma razão estão incapacitadas de praticar essa modalidade. Deste modo podem praticar o Karatê em Cadeira de Rodas até que estejam aptos para voltar ao treino regular.

2 - PSICOMOTRICIDADE

É o campo transdisciplinar que estuda as relações entre a atividade psíquica e a atividade motora. Atividade psíquica é o conjunto que integra as sensações, as emoções, os afetos, os medos, as representações, as simbolizações e as ideias.

A atividade motora integra a comunicação entre os cinco subsistemas motores neurológicos principais: piramidal, extrapiramidal, cerebelar, reticular e medular. Assim, a atividade motora não é mais do que a materialização da atividade psíquica e vice-versa (FONSECA, 2008, p 16):

“Ela se constitui por um conjunto de conhecimentos psicológicos, biológicos, fisiológicos e neurológicos que permitem, utilizando o corpo como mediador, abordar o ato motor humano com o intento de favorecer a integração deste sujeito consigo e com o mundo dos objetos e outros sujeitos”.

O desenvolvimento psicomotor está diretamente associado ao processo maturacional existente desde a concepção, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas.

O seu funcionamento integra três sistemas: estimulação, onde as informações do ambiente interno e externo são coletadas pelos órgãos sensoriais e passadas para outro sistema, denominado sistema de integração. Neste, ocorre o armazenamento e processamento dessas informações que serão a base para ativar a percepção, memória, planejamento e consciência. A externalização através da ação motora do que foi processado é função do sistema de resposta.

O desenvolvimento neuromotor segue um padrão ordenado na direção céfalo-caudal, em sentido proximal-distal, do geral para o específico e com intervalos que vão do 0 aos 7 anos, dos 8 aos 12 anos e dos 13 aos 14 anos (Thompson, 2000).

Segundo modelo proposto por Lúria (Fonseca, 1995), existem sete fatores que trabalham em conjunto, de forma integrada, e que contribuem para a organização psicomotora global. A organização destes sete fatores acontece de forma vertical e obedece a seguinte hierarquia:

- **TONICIDADE** ocorre através de aquisições neuromusculares, conforto tátil e integração de padrões motores ante gravídicos, muito presente do nascimento aos 12 meses de idade. Classifica-se em tónus de postura, de repouso e de sustentação.
- **EQUILÍBRIO** se manifesta na aquisição da postura bípede, segurança gravitacional e desenvolvimento de padrões locomotores, entre 12 meses a 2 anos de idade.
- **LATERALIDADE** se dá através da integração sensorial, investimento emocional, desenvolvimento das percepções difusas e dos sistemas aferentes e eferentes, dos 2 aos 3 anos de idade.
- **ESQUEMA E IMAGEM CORPORAL** se desenvolvem através da noção do Eu, da conscientização corporal, percepção corporal, condutas de imitação, o que é esperado por volta dos 3 e 4 anos de idade.

Desenvolver o esquema corporal é conscientizar-se do próprio corpo, das partes que o compõem, das suas possibilidades de movimentos, posturas e atitudes (Nicola,

2004). O esquema corporal é considerado como elemento básico e indispensável para a formação da personalidade de qualquer criança.

Imagem corporal é o modo como o corpo se apresenta ao indivíduo, é a figuração do corpo humano formada mentalmente. Refere-se também a uma imagem tridimensional do corpo humano, já que envolvem representações mentais que são armazenadas como impressões pelo córtex sensorial (Nicola, 2004).

ESTRUTURAÇÃO ESPAÇO TEMPORAL se manifesta por meio do desenvolvimento da atenção seletiva, do processamento de informações, coordenação espaço-corpo, proficiência da linguagem, o que é esperado entre 4 e 5 anos de idade.

A estruturação espaço-temporal está fundamentada nas bases do esquema corporal sem o qual a criança, não se reconhecendo em si mesma, só muito dificilmente poderia apreender o espaço que está inserido. Para que este processo ocorra de maneira equilibrada, torna-se necessário que a criança adquira o domínio corporal, o reconhecimento corporal e a passagem para a ação (FERREIRA, 2002).

PERCEPÇÃO integra praxias global que ocorre através da coordenação óculo-manual e óculo-pedal, planificação motora, integração rítmica, o que é esperado entre 5 e 6 anos e, a praxia fina que se dá através da concentração, organização, especialização hemisférica, presentes dos 6 aos 7 anos.

Vygotsky (apud NEGRINE, 2002), definiu três enfoques para relacionar desenvolvimento e aprendizagem: no primeiro grupo, determina-se que os dois processos, desenvolvimento e aprendizagem são independentes um do outro.

Dessa maneira, a aprendizagem dar-se-ia em nível externo, sem relação com o desenvolvimento. A aprendizagem estaria sempre precedida pelo desenvolvimento aqui entendido como “processo de maturação, cuja origem é biológica, já que o processo de aprendizagem é de origem sociocultural” (NEGRINE, 2002).

No segundo grupo, afirma-se que a aprendizagem constitui-se no próprio desenvolvimento, como contraponto ao enfoque anterior. Essa ideia sugere que a aprendizagem em sua progressão natural simultaneamente corresponde a cada etapa do desenvolvimento.

Quanto ao terceiro grupo, observa-se que é uma tentativa de conciliação entre os dois extremos dos dois grupos vistos anteriormente.

Todavia, apesar de haver formulado tais grupos enfocando a relação aprendizagem-desenvolvimento, Vygotsky acaba por não optar exclusivamente por apenas uma das teorias dispostas nos enfoques. O terceiro grupo visto motivou o autor russo a criar três pontos de vista novos, a saber:

No primeiro ponto, Vygotsky observa que não há uma total discrepância entre os dois primeiros enfoques, uma vez que um não exclui o outro e vice-versa.

De acordo com o prescrito no segundo ponto reconhecido, a interdependência entre os dois enfoques determina o desenvolvimento como produto de dois processos em interação mútua.

Langlade (apud NEGRINE, 1995) evidencia sua visão ao afirmar que a “Educação psicomotora é a ação psicológica e pedagógica que utiliza os meios da educação física com a finalidade de normalizar ou melhorar o comportamento da criança”. Ora, sendo a Educação Física um instrumento de melhoria das condições físicas e do desenvolvimento do indivíduo, além de sua percepção, o acima citado autor aproxima as duas ciências, em que pese à apropriação de uma pela outra em prol de uma pedagogia em comum.

Autores como Picq e Vayer, Le Boulch, Lapierre, Loudes e Costallat, destacados em Negrine (1995), “fazem uma inovação no âmbito do exercício físico, e por extensão no da educação física infantil, determinando novas variáveis de estudo e de diagnóstico referentes ao desenvolvimento das habilidades motrizes das crianças”.

As especificidades que vêm surgindo na Educação Física cada vez mais contribuem para o próprio desenvolvimento da Psicomotricidade, a qual outrora estava correlacionada àquela ciência por utilizar-se de práticas corporais em seus métodos de observação.

Por outro lado, Negrine (1995) cita Loudes enquanto partidário da Psicomotricidade como mera extensão da Educação Física, embora reconheça aquela em um nível científico que busca superar a concepção cartesiana. Vayer, Le Boulch, Lapierre e Aucouturier (apud NEGRINE, 1995) encontram-se no patamar da busca por

um fundamento teórico em áreas do conhecimento distintas, sem que, no entanto, tenha-se chegado a uma prática diversa do mecanicismo sobre as atividades de caráter corporal.

Vayer (apud BUENO, 1998) enfocou como princípio fundamental a presença do ser no mundo através da corporeidade.

A teoria que propõe a atividade psicomotora espontânea como forma de base para o trabalho é de Lapierre, que, de acordo Bueno (1998), “coloca a pulsão do movimento como sendo a pulsão de vida, a pulsão feita de desejos, satisfações e prazeres, de frustrações e proibições que gerarão conflitos e fantasias inconscientes no indivíduo”. Lembra ainda que a identidade se constitui a partir da afirmação das vontades na relação entre dois corpos, gerando a comunicação entre eles – o “suporte das comunicações não verbais” (Bueno, 1998).

Dalila Costallat (apud BUENO, 1998) expõe em suas investigações que a representação interna do corpo e o conhecimento da criança acerca do mesmo são essenciais para o esquema corporal. Em sua metodologia, defende que a reeducação psicomotora é válida para sanar dificuldades de alfabetização e deficiências. Costallat abordou, ainda, o corpo e a ação como instrumentos indissociáveis da estruturação do tempo-espaço, por meio da experiência pessoal.

Tendo colaborado em estudos que defendiam ideias convergentes sobre a função psicomotora, Lapierre e Aucouturier rompem seu período de parceria nas pesquisas por motivo de discordância quanto às linhas de pensamento que cada um seguia.

Em linhas gerais, Aucouturier defende a tese que na sessão deve ser potenciado o jogo de pulsão, que denomina de jogo sensorio-motor; neste sentido, segue a classificação proposta por Piaget. Lapierre inclina-se a potenciar o jogo simbólico, uma vez que entende que em todo jogo da criança há uma intenção, mesmo que inconsciente. Além do mais, Lapierre advoga a implicação corporal do adulto nos jogos simbólicos das crianças, posição essa de que Aucouturier não compartilha (NEGRINE, 1995, p. 65).

Lapierre e sua filha Anne (apud NEGRINE, 1995), definiram a evolução infantil em seis fases, classificando cada uma delas como etapas em que a agressividade primitiva passa por um processo de domesticação e socialização, propiciadas pelo jogo

simbólico e a participação do adulto, do qual o poder é destituído para que a criança venha a assumi-lo em sua fase de estruturação independente.

Negrine (1995) também informa como Lapierre concebe a forma ideal para a prática da educação psicomotora no âmbito escolar. Neste ponto surge o distanciamento dialético entre Lapierre e Aucouturier, pois para aquele o jogo simbólico da criança é o campo de ação propício para a educação psicomotora, ao passo que para este o jogo sensório-motor é o meio pelo qual a fantasia infantil encontra canalização para potenciar o jogo de pulsão.

Também se nota a divergência entre os dois autores franceses pela noção de que Lapierre considera a psicomotricidade um amplo campo em que as relações humanas e as questões psíquicas influem diretamente sobre a personalidade em todas as idades. Em Aucouturier encontramos como contraponto, a ideia de que a psicomotricidade se valida como forma de pedagogia complementar até os sete ou oito anos, aproximadamente, e que após este período inicial, outras atividades deveriam ser consideradas para o aprimoramento da expressão corporal.

Negrine (1995) afirma que, para Le Boulch, a questão da superação do dualismo integra o movimento à formação da personalidade humana: “Com Le Boulch, a educação física tem um fundamento no campo teórico; a prática que propõe não supera, todavia, o enfoque dualista das práticas corporais, já que segue propondo famílias de exercícios”.

Lembra Bueno (1998) que Le Boulch representa um avanço para a psicomotricidade no que se refere à profissionalização da ciência. Segundo o mesmo autor, o reconhecimento oficial dos profissionais da psicomotricidade encontra-se em andamento na França, terra natal da ciência, onde, através um decreto ministerial de 1967, sugere-se o horário semanal de seis horas para a educação psicomotora nas escolas.

Oseretski (apud NEGRINE, 2002), psicanalista soviético, criou na década de 30 uma bateria de testes motores de características biomédicas, cujo objetivo, em resumo, é prescrever automatismos psicomotores para que certas habilidades venham a proporcionar à criança um desenvolvimento adequado. Ainda em Negrine (2002),

encontra-se referência a Oseretski como mentor da explicação para a evolução da motricidade humana na obra de Wallon.

Para Arena (1998), um aspecto a ser considerado, quando se trata de introduzir a criança em uma única atividade esportiva e em nível de rendimento máximo, é o respeito à sua essência lúdica.

A autora diz que a aprendizagem de diversos movimentos atende essa característica, pois em grande parte do tempo que a criança esta envolvida no desporto, ela está se divertindo, exceto quando este é considerado "trabalho".

Segundo Rosadas (1985), a prática desportiva pode ter vários objetivos, entre estes o educacional e a desempenho. (PAES, 1996; ARENA, 1998)

Arena (1998) complementa que, as diversas pressões do atual processo competitivo realizado com jovens atletas conduziram a situações complexas.

Já SOBRAL (1993), apud ARENA (1998), nos diz que “O treinamento esportivo visando alto grau de rendimento é um processo de extrema exigência e alto custo, portanto, a participação indiscriminada de indivíduos que não possuem os requisitos biológicos e comportamentais inerentes ao nível das expectativas poderá causar danos irreparáveis no futuro treinamento desses atletas”.

Entendo que todos esses aspectos devem ser considerados e somados ao lúdico e à vontade da criança, a qual pode querer ou não competir, na fase correta, pois essa vontade tem que ser própria da mesma, e não uma exigência de quem a cerca.

Neste instante, retomo o trabalho de Balbino (2001) que, preocupado com as possibilidades inerentes destas fases, se apoia nos seguintes autores: HAHN (1989); GROSSER et al. (1989); Greco et al (1998) e WEINECK (1999), para formar conceitos do processo de iniciação.

Para HAHN (1989), o modelo de rendimento no esporte se baseia em três fases sequenciais:

A – Formação Psicomotora: Que se inicia com uma preparação fundamental, visando o desenvolvimento motriz expansivo na infância e estabelecendo bases para se

sentir alegria no jogo ou no esporte. Seus conteúdos são a motivação, coordenação, flexibilidade e destreza, e são considerados básicos para rendimentos posteriores.

Entre as idades de 7 a 8 anos, e 11 e 12 anos se aprendem facilmente as capacidades coordenativas. Em seguida, propõe atividades que viabilizem a aprendizagem motora variada e lúdica e acumulação de experiências motrizes assimiladas das formas esportivas mais variadas.

B – Início da Especialização em um Esporte: Nesta fase a especificação do esporte escolhido não impede as atividades semelhantes de outros esportes, no tocante à técnica e lógica interna do jogo. Há uma diminuição do incremento à coordenação de forma pura, objetivando as técnicas específicas do esporte, culminando com o início da atividade competitiva.

C – Aprofundamento no Treinamento Específico: Os objetivos dirigem-se ao desenvolvimento consequente das condições motrizes básicas, à estabilização das técnicas, ao incremento acentuado das cargas de treinamento e à atividade competitiva regular.

Para Greco, as fases se dividem em:

A – Fase Universal (4/6 anos até 11/12 anos): Fase mais ampla e rica do processo de formação esportiva, em que se procura desenvolver todas as capacidades motoras e coordenativas de uma forma geral, criando base ampla e variada de movimentações que ressaltam o aspecto lúdico.

B – Fase de Orientação (11/12 anos até 13/14 anos): Começa a ocorrer automação de grande parte dos movimentos, permitindo ao praticante, a percepção de outros estímulos que ocorrem ao mesmo tempo da ação que é realizada, indicando para o plano motor que caracteriza o movimento que já está aqui definido. Destaca-se a estimulação diversificada para, nas outras fases, aperfeiçoar os gestos técnicos.

C – Fase de Direção (13/14 anos até 15/16): Fase do início do aperfeiçoamento e especialização técnica em uma modalidade esportiva. Deve-se buscar o auxílio de duas a três modalidades esportivas complementares.

D – Fase de Especialização (15/16 anos até 17/18 anos): Procura-se a especialização na modalidade escolhida, por meio do aperfeiçoamento técnico e tático, estruturando comportamentos táticos de alto nível competitivo.

A Caracterização de Fases por Weineck:

A – Início da Fase Escolar (6/7 até 10 anos): Fase do aumento do repertório de movimentos para melhoria da coordenação em escolares iniciantes. A instrução deve ser poliesportiva, aproveitando o entusiasmo infantil para uma familiarização esportiva, que talvez venha a praticar por toda a vida.

B – Idade Escolar Tardia (10 anos até início da puberdade): Esta é a melhor fase do aprendizado e deve ser aproveitada com exercícios variados e direcionados para a consolidação de uma técnica esportiva superficial ou, ainda, se possível mais refinada. Deve-se atentar para não automatização de movimentos com técnicas duvidosas.

C – Primeira Fase Púbere (Meninas = 11/12 anos até 13/14 anos; Meninos = 12/13 até 14/15 anos): O treinamento se concentra na coordenação, aprimorada de modo lento e gradual, sendo importante a participação do jovem na elaboração do treinamento.

D – Segunda Fase Púbere (Meninas = 13/14 anos até 17/18 anos; Meninos = 14/15 até 18/19 anos): Fase das grandes oportunidades de aprendizagem de técnicas e tolerância a estímulos, que podem se assemelhar aos adultos, embora a plasticidade nervosa se mantenha como na infância.

O fim da adolescência coincide com a fase de desempenho máximo de algumas modalidades desportivas.

Em seguida Balbino (2001) cita as fases sensíveis do treinamento (fases favoráveis para o treinamento de determinadas capacidades motoras), que são:

A – Capacidades Sensoriais, Cognitivas e Psíquicas:

"São imprescindíveis para o desenvolvimento nos processos de aprendizagem e treinamento no esporte. As capacidades perceptíveis pelo sistema sensorial, às volitivas, intelectuais e de maior reação e concentração se desenvolvem favoravelmente entre os 9 e 13 anos." (GROSSER ET AL, 1989).

B – Capacidades de Aprendizagem e Coordenação São favorecidas entre os 07 e os 12 anos, pela elevada plasticidade do Sistema Nervoso Central. A aprendizagem motora encontra-se favorecida entre os 9/10 anos e 13 anos.

C – Capacidades de Resistência: A capacidade aeróbia é indicada o que não acontece com a anaeróbia.

D – Capacidade de Força: Dos 8/10 anos desenvolve-se a coordenação intra e intermuscular tendo sua fase sensível aos 11/13 anos em forma de velocidade cíclica e de movimento. O aumento da secção transversal de fibra muscular se inicia na puberdade, tendo como causa a produção hormonal. A partir dos 11/13 anos até 15/17 anos, instala-se a fase sensível para força explosiva e resistência de força. Dos 15/17 aos 17/19 anos, dá-se a fase sensível para o treinamento da força máxima.

E – Capacidade de Velocidade: Capacidade complexa, síntese de força e coordenação, sendo que dos 07/12 anos para tempo de reação e velocidade cíclica, os 9/13 para força explosiva e aceleração nas meninas, e 10/11 anos até 15 para os meninos.

F – Capacidade de Flexibilidade: Diferenciamos a passiva que começa nos primeiros anos de vida da ativa que começa muito mais tarde, entre 8 e 11/12 anos nas meninas e 8/9 até 12/13 anos nos meninos.

Além das fases citadas, Balbino se ampara nas oito inteligências múltiplas, elaboradas por Gardner (1994, 1995, et al. 1998, 2000), a qual irá citar para dar um melhor entendimento na sua proposta pedagógica e também porque estas contribuem de forma significativa com nosso trabalho.

Primeiramente gostaria de definir a inteligência, segundo Garganta (1998 apud Balbino, 2001:78). “A inteligência, entendida como a capacidade de adaptação a novas situações, isto é, enquanto capacidade de elaborar respostas adequadas aos problemas colocados pelas situações aleatórias e diversificadas que ocorrem no jogo.”

Freire, 2001, citado por Balbino,2001:78, reflete: "Considerado por esse prisma, o nosso entendimento de inteligência é de que os problemas com os quais as pessoas se deparam no mundo podem ser superados com a aplicação de soluções exclusivamente racionais."

Dessa forma, citaremos a seguir as oito inteligências múltiplas, por Gardner, 2000 apud Balbino, 2001:

A – A Inteligência Corporal Cenestésica "É a capacidade de trabalhar com objetos de forma hábil, tanto os que envolvem movimentos motores finos dos dedos e mãos quanto os que exploram movimentos grosseiros do corpo".

B – A Inteligência Verbal Linguística "Envolve a sensibilidade para a língua falada e escrita, e a habilidade de aprender línguas bem como a capacidade de utilizar a linguagem para atingir objetivos".

C – A Inteligência Lógico-Matemática: "Envolve a capacidade de analisar problemas lógicos, operações matemáticas e questões científicas". É considerada por Gardner (1995), como arquétipo da "Inteligência Pura".

D – A Inteligência Musical com estrutura quase paralela à da Inteligência Linguística, acarreta a habilidade na atuação, na composição e na apreciação de padrões musicais. A inteligência musical emerge mais cedo que outros talentos em outras áreas da inteligência humana, sendo a música segundo Campbell et al., 2000, citado por Balbino, 2001, "uma das formas mais antigas de arte."

E – A Inteligência Espacial "Tem o potencial de reconhecer e manipular os padrões do espaço, bem como os padrões de áreas mais confinadas, como os que são importantes para escultores, cirurgiões, jogadores de xadrez, artistas gráficos ou arquitetos."

F – A Inteligência Interpessoal "Compreende a capacidade de entender as intenções, as motivações e os desejos do próximo, e conseqüentemente, de trabalhar de modo eficiente com terceiros. Vendedores, professores, líderes religiosos, políticos e atores manifestam esta bem desenvolvida."

G – A Inteligência Intrapessoal "É a capacidade da pessoa se conhecer, de ter um modelo individual de trabalho eficiente, incluindo os próprios desejos, medos e capacidades de regular a própria vida".

H – A Inteligência Naturalista "Refere-se ao conhecimento do mundo vivo, incluindo a classificação de diversas espécies, vivendo em harmonia com outros seres

vivos. Esta é encontrada em naturalistas, biólogos, botânicos, geógrafos, paisagistas e jardineiros”.

Em seguida, BALBINO (2001) integra as inteligências diferenciadas aos Jogos Desportivos Coletivos (JDC), no tocante aos conhecimentos do treinamento infantil e às possíveis consequências, chegando às seguintes considerações finais:

Os jogos desportivos coletivos são um ambiente repleto de possibilidades de desenvolvimento físico, das habilidades motoras, de elaboração de estratégias, aquisição de capacidades motoras, e até no exercício de viver em sociedade, como o próprio sistema dos JDC representa.

Possibilita a formação do Ser Humano através do esporte praticado para diversos fins, como prazer e diversão, meio de educação formal ou como meio de se atingir um futuro profissional;

Temos que respeitar as fases sensíveis de crescimento e desenvolvimento e conhecer as características deste rico momento, que significa potencializar de forma adequada a evolução das crianças e jovens inseridas no processo. É preciso valorizar e preparar o profissional para que se oriente nessa trajetória;

O agente pedagógico ou professor tem que estar preparado ao tratar com os temas apresentados, o que significa a condição primária para o sucesso e consequente evolução do processo de iniciação e formação esportiva;

As exigências da tecnologia pertinente à entrada da mídia, patrocinadores, indústrias estão acelerando as fases da prática do esporte, e dando significados do mais forte, o mais alto, mais rápido, culminando com o intenso consumo.

Em forma contrária, este sistema dos JDC permite estímulos saudáveis a muitas crianças e jovens, além de integrar atletas e profissionais das áreas relativas às Ciências do Esporte, gerando múltiplas oportunidades.

Para isso, outros olhares se fazem necessários. Partindo da pressuposição de ter-se o Esporte como um processo essencialmente educativo, cria-se a possibilidade de fazermos de sua prática um instrumento para o desenvolvimento do Homem, que se prepara para vencer os diversos desafios que se colocam à frente transferindo conhecimentos e experiências vividas no ambiente de esportes para toda a vida.

Finalizando, Balbino (2001) chama a atenção para um dos efeitos indesejados que podem ocorrer no processo de iniciação e formação esportiva: a Especialização Precoce, que possui várias causas indicadoras de sua ocorrência. A atuação inadequada de técnicos, professores e dirigentes pode comprometer a evolução de crianças e jovens nos possíveis aprendizados, interrompendo ou prejudicando o crescimento saudável de acordo com os propósitos de ser um meio formativo por excelência.

Roberts (1980), Roberts e Treasure (1992), recomendam que a criança até os 12 anos não deve participar de atividades competitivas formais, por não possuir maturidade suficiente para compreender tudo o que está envolvido em um processo competitivo. Percebo, com tais fatos, que a iniciação esportiva com movimentos variados é bem aceita pela literatura, e observo a necessidade equivocada da busca de talento em algumas modalidades por volta dos 6 a 12 anos, que corresponde à terceira fase, em que o desenvolvimento biopsicossocial, em geral, não está preparado para tal exigência.

Além disso, tal fase é ideal para o aprendizado motor, utilizando para isso as repetições positivas de movimentos, e não a tão usada repetição de gestos sem crítica e construção. Alguns estudos ainda apontam para os desajustes motores, pela ausência de movimentos variados, que farão parte de toda a vida da criança.

Foi observado que a fase dos 6 aos 12 anos de idade, em especial por volta dos 10 anos, é ideal para disponibilizarmos várias modalidades diferentes, e não se recomenda, por conseguinte, a competição, apesar de que o problema não está na competição e sim nos adultos que a organizam, estabelecendo normas e regras que valorizam somente os vencedores. (TEOTÔNIO LIMA apud PAES, 1996:29),

Além disso, o "fantasma" da teoria e prática assusta o desporto, pois existe uma dificuldade em se estabelecer um limiar entre iniciação e treinamento, ou aprendizagem e especialização. (GALDINO, 2000)

Acredito que nosso sucesso profissional acontecerá quando conseguirmos enxergar na prática a teoria, e assim levantarmos novos problemas, culminando, por conseguinte, em transformações na aprendizagem do esporte não dicotômico. MARQUES (1992), apresentado por KUNZ (1994:29), nos diz que: "A teoria tem a capacidade de antecipar ações praticas, mas é a partir, também, de propostas práticas concretas que o desenvolvimento teórico pode tomar um novo impulso. E é nesta

dialética de interação entre a teoria e a prática que se pode chegar a uma pedagogia consistente para o ensino dos esportes."

Tal entendimento, com certeza, conscientizará as pessoas envolvidas no esporte, que uma criança, cuja iniciação foi possibilitada nas primeiras fases, talvez não queira ser um atleta e ainda não está madura para isso.

Segundo Galdino (2000), competir significa ter as mínimas condições para realizar as tarefas necessárias do evento em questão.

Para Huizinga (apud PAES, 1996:60): "A competição está incluída na categoria jogo tais como outras formas, a competição é igualmente desprovida de objetivos; sendo assim, ela começa e termina em si mesma, não tendo qualquer contribuição para o processo vital do grupo, o que significa que o elemento final da ação está no resultado enquanto tal, sem relação com o que se segue."

Com minha experiência, de muitos anos como professor de karatê, não posso concordar com a afirmação desse autor. Pois a competição de karatê não é desprovida de objetivos. Pois em uma competição de karatê o maior objetivo é proporcionar a criança atleta à importância do respeito, a compreensão do ganhar e do perder, a entender que ganhando ou perdendo ele se superou e que pode superar toda dificuldade que aparecer na sua vida.

Entendo que o jogo, com fim em si mesmo, é desfavorável às crianças abaixo dos 12 anos de idade, pois está em fase onde vários estudos mostram ser de aprendizagem e/ou construção de uma base, mas a competição não tem fim em si mesmo. E cabe ao professor saber distinguir dentro da competição o que é realmente importante para a vida da criança e saber passar isso para essa criança.

Quanto aos estudos em "treinamento especializado precoce", faz-se necessário definir e apresentar alguns trabalhos, de pesquisadores que já se preocupam com o tema em outras modalidades.

O treinamento especializado precoce acontece quando crianças são introduzidas, antes da fase pubertária, a um processo de treinamento planejado e organizado em longo prazo e que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais, com o objetivo do

gradual aumento do rendimento, além, de participação periódica em competições esportivas. (KUNZ, 1994:45)

Entre os autores investigados temos inicialmente, Nascimento (2000), que realizou uma pesquisa de caráter investigatório, buscando determinar a experiência dos atletas de êxito, da modalidade atletismo, categoria adulta, com práticas esportivas. Este estudo ocorreu no XVIII Troféu Brasil de Atletismo – edição 1999, que foi realizado no mês de junho, na cidade do Rio de Janeiro. A autora entrevistou 24 atletas do sexo masculino, praticantes de provas de pista, sendo estes os 1º, 2º e 3º colocados em suas provas.

A entrevista foi composta de informações pessoais, como inicialmente feitos por Paes (1996) Foram coletados os consentimentos dos atletas para divulgação e suas entrevistas colhidas na íntegra. O tratamento dos dados foi qualitativo, tendo sido realizado um estudo de análise de conteúdo. (Nascimento, 2000: 56)

A autora afirma que, nenhuma atividade esportiva poderia ser desenvolvida com crianças antes de 09 a 11 anos, e que a opção seria a educação psicomotora, uma vez que os atletas de ponta não se especializam precocemente na modalidade atletismo. Isto já havia sido detectado no basquetebol que, como uma modalidade individual, é marcada por tentativas de iniciação precoce, bem como seu abandono.

Nascimento (2000) diz que “uma especialização esportiva precoce deve favorecer o indivíduo primeiramente no conhecimento e nas vivências motoras para, posteriormente, se aprofundar em gestos específicos”.

Assim sendo, é importante entendermos que o desenvolvimento é um processo que inicia na concepção e termina somente ao fim do ciclo celular. (GALLAHUE & OZMUM, 2001:06).

Desta forma, gostaria primeiramente de apresentar algumas questões referentes à terceira fase de desenvolvimento, à qual destinarmos nossos apontamentos.

“A terceira fase de desenvolvimento, corresponde às idades dos 06 aos 12 anos de idade, que é a fase de desenvolvimento em conjunto do organismo; o crescimento ósseo e miotendinoso, o psíquico e mental. É recomendado nesta fase o início em

“escolas de esporte” para aquisição de conhecimentos em várias modalidades esportivas.” (CARAZZATO, APUD PAES, 1996:35; ARENA, 1998:44)

A mesma é conceituada por PAPALIA & OLDS (1996:247), como “a terceira infância, que corresponde aos anos intermediários, que vão dos 06 aos 12 anos de idade e que também são chamados de anos escolares, porque a escola é a experiência central durante este período”.

Os anos intermediários são considerados por alguns autores, como “médica infância”, e nesta é necessário que a criança aprenda as “habilidades físicas necessárias para os jogos comuns, a desenvolver uma consciência, moralidade e uma escala de valores”.(Havighurst, apud GALLAHUE & OZMUN, 2001:55). Entendemos com isso que os aspectos socioculturais do karatê podem lhes ser favoráveis.

WEINECK (2000: 256) também utiliza da idade escolar para classificar as fases, e as divide em duas, “a primeira infância escolar que abrange os 6/7 anos até os 10 anos de vida, onde as condições psicofísicas são extremamente favoráveis para a aquisição de habilidades motoras e ampliação do repertório motor. E a infância escolar tardia, que inicia aos 10 anos de idade e vai até a entrada da puberdade, sendo que a considera a melhor fase para aprender”.

As habilidades motoras, segundo GALLAHUE & OZMUN (2001:20), “é um termo abrangente, que agrupa os movimentos de locomoção, manipulação e equilíbrio”. O que também motivou esta dissertação, já que estão presentes nos katas e podem ser vivenciados gradativamente.

Neste período da vida, as habilidades motoras continuam a se aperfeiçoar. E os estudos apresentam que, cerca de 10% das brincadeiras livres dos escolares nas áreas recreativas consistem em “brincar impetuoso”, que são atividades vigorosas que envolvem lutas, golpes e perseguições, sendo essas brincadeiras universais, e que diminuem entre as idades de 07 a 11 anos, à medida que as crianças passam para os brinquedos com regra, como a amarelinha e o pega-pega. (PAPALIA & OLDS, 1996:252)

Acredito que tal motivação da idade pelas lutas seja uma das causas da iniciação no karatê, acrescido da influência da mídia e família. E que a disciplina e regras desta arte marcial, dependendo logicamente da sistematização pedagógica e formação, de

instrutores e dirigentes, possam colaborar com esta aprendizagem e assim, o karatê possa vir a ser entendido no ensino formal e não formal como ambiente de ensino.

Neste momento, gostaria de salientar que embora o desenvolvimento esteja relacionado à idade cronológica, que é a idade do indivíduo em meses ou em anos, (GALLAHUE & OZMUN, 2001:14), este não depende dela, já que ocorre na mesma idade, de forma diferente, de uma parcela de indivíduos para outra, não servindo, por conseguinte, como uma forma estanque de se planejar um ciclo de aprendizagem. Contudo, este é considerado um dos meios mais seguros para não se incorrer, na falsa ideia de sucesso da especialização precoce.

Acredito nisto, pois segundo GALLAHUE & OZMUN (2001:18), o desenvolvimento está relacionado à maturidade, que se refere a alterações qualitativas que capacitam o indivíduo a progredir. E ainda, que tal progressão depende de uma sequência fixa para acontecer, podendo em alguns aspectos variar de indivíduo para indivíduo.

Observei que tal engano, por parte dos professores e dirigentes, está na análise da melhor sistematização do processo de aprendizado dos jovens karatecas, entendendo isso como um processo interno de alterações do comportamento individual, relacionado à interação da experiência (ambiente), da educação e do treinamento com processos biológicos, que pode levar nossas crianças a se especializarem precocemente, alcançando algumas o sucesso momentâneo e outras o abandono prematuro do esporte.

O treinamento especializado precoce acontece quando crianças são introduzidas, antes da fase pubertária, a um processo de treinamento planejado e organizado em longo prazo e que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais, com o objetivo do gradual aumento do rendimento, além, de participação periódica em competições esportivas. (KUNZ, 1994:45)

Por isso, defendo a diversificação de movimentos do kata como a melhor forma de aprendizado motor, para essa fase do aprendizado, onde o movimento tem parte principal, (GALLAHUE & OZMUN, 2001:21) em contraposição à especialização precoce.

Segundo GALLAHUE & OZMUN (2001:22), “o movimento refere-se à alteração real observável na posição de qualquer parte do corpo”.

Para GO TANI (1988), “os movimentos são de fundamental importância para a evolução dos seres humanos, seja em nível biológico, psicológico ou sociocultural. Estes, na interação com o meio ambiente, são meios de transformação e, ao mesmo tempo possibilitam a aquisição da complexidade das habilidades básicas, culminando em uma vida diária, com qualidade, e/ou desportiva.”

Podemos citar alguns aspectos, que acredito serem primordiais na construção de uma proposta pedagógica utilizando o karatê.

Entende-se que os aspectos socioculturais e filosóficos do karatê são de suma importância. Dessa forma, a história oral deveria continuar a ser transmitida aos alunos. E ainda, tais conhecimentos deveriam ser obrigatórios nos exames de graduação a partir da primeira troca de faixa.

As aulas para a terceira infância deveriam ser administradas, em parte, de forma lúdica, sendo considerados no aquecimento jogos e brincadeiras, que contemplassem mudanças de direção, manipulação de objetos, como a própria faixa, de preferência em ambientes diferentes.

O kata e seus movimentos diversificados devem ser a forma inicial de aprendizagem do karatê. E deve ser dada às crianças a possibilidade de criar novos katas em equipe ou individual e improvisar em cima dos já existentes. E com tais mudanças trabalhar a criticidade.

O agente mediador do processo, professor e dirigente, tem que ter clareza e segurança quanto à importância dos aspectos pedagógicos. Por isso, acredito na importância da aproximação das academias de karatê com as Universidades.

Finalizando, é preciso rever a necessidade da competição de kumitê e kata, para a faixa etária dos 06 aos 12 anos de idade, que corresponderia à categoria infantil “B”.

Por isso já propomos à Confederação Brasileira de Karatê, a transformação de tal categoria, em um festival de apresentações, onde todos os participantes deveriam ser premiados.

2.1 - Desenvolvimento e Aprendizagem Psicomotora

Vygotsky (apud NEGRINE, 2002), definiu três enfoques para relacionar desenvolvimento e aprendizagem: no primeiro grupo, determina-se que os dois processos, desenvolvimento e aprendizagem são independentes um do outro.

Dessa maneira, a aprendizagem dar-se-ia em nível externo, sem relação com o desenvolvimento. A aprendizagem estaria sempre precedida pelo desenvolvimento aqui entendido como “processo de maturação, cuja origem é biológica, já que o processo de aprendizagem é de origem sociocultural” (NEGRINE, 2002).

No segundo grupo, afirma-se que a aprendizagem constitui-se no próprio desenvolvimento, como contraponto ao enfoque anterior. Essa ideia sugere que a aprendizagem em sua progressão natural simultaneamente corresponde a cada etapa do desenvolvimento.

Quanto ao terceiro grupo, observa-se que é uma tentativa de conciliação entre os dois extremos dos dois grupos vistos anteriormente.

Todavia, apesar de haver formulado tais grupos enfocando a relação aprendizagem-desenvolvimento, Vygotsky acaba por não optar exclusivamente por apenas uma das teorias dispostas nos enfoques. O terceiro grupo visto motivou o autor russo a criar três pontos de vista novos, a saber:

No primeiro ponto, Vygotsky observa que não há uma total discrepância entre os dois primeiros enfoques, uma vez que um não exclui o outro e vice-versa.

De acordo com o prescrito no segundo ponto reconhecido, a interdependência entre os dois enfoques determina o desenvolvimento como produto de dois processos em interação mútua.

Langlade (apud NEGRINE, 1995) evidencia sua visão ao afirmar que a “Educação psicomotora é a ação psicológica e pedagógica que utiliza os meios da educação física com a finalidade de normalizar ou melhorar o comportamento da criança”. Ora, sendo a Educação Física um instrumento de melhoria das condições físicas e do desenvolvimento do indivíduo, além de sua percepção, o acima citado autor aproxima as duas ciências, em que pese à apropriação de uma pela outra em prol de uma pedagogia em comum.

Autores como Picq e Vayer, Le Boulch, Lapierre, Loudes e Costallat, destacados em Negrine (1995), “fazem uma inovação no âmbito do exercício físico, e por extensão no da educação física infantil, determinando novas variáveis de estudo e de diagnóstico referentes ao desenvolvimento das habilidades motrizes das crianças”.

As especificidades que vêm surgindo na Educação Física cada vez mais contribuem para o próprio desenvolvimento da Psicomotricidade, a qual outrora estava correlacionada àquela ciência por utilizar-se de práticas corporais em seus métodos de observação.

Por outro lado, Negrine (1995) cita Loudes enquanto partidário da Psicomotricidade como mera extensão da Educação Física, embora reconheça aquela em um nível científico que busca superar a concepção cartesiana. Vayer, Le Boulch, Lapierre e Aucouturier (apud NEGRINE, 1995) encontram-se no patamar da busca por um fundamento teórico em áreas do conhecimento distintas, sem que, no entanto, tenha-se chegado a uma prática diversa do mecanicismo sobre as atividades de caráter corporal.

Vayer (apud BUENO, 1998) enfocou como princípio fundamental a presença do ser no mundo através da corporeidade.

A teoria que propõe a atividade psicomotora espontânea como forma de base para o trabalho é de Lapierre, que, de acordo Bueno (1998), “coloca a pulsão do movimento como sendo a pulsão de vida, a pulsão feita de desejos, satisfações e prazeres, de frustrações e proibições que gerarão conflitos e fantasias inconscientes no indivíduo”. Lembra ainda que a identidade se constitui a partir da afirmação das vontades na relação entre dois corpos, gerando a comunicação entre eles – o “suporte das comunicações não verbais” (Bueno, 1998).

Dalila Costallat (apud BUENO, 1998) expõe em suas investigações que a representação interna do corpo e o conhecimento da criança acerca do mesmo são essenciais para o esquema corporal. Em sua metodologia, defende que a reeducação psicomotora é válida para sanar dificuldades de alfabetização e deficiências. Costallat abordou, ainda, o corpo e a ação como instrumentos indissociáveis da estruturação do tempo-espaço, por meio da experiência pessoal.

Tendo colaborado em estudos que defendiam ideias convergentes sobre a função psicomotora, Lapierre e Aucouturier rompem seu período de parceria nas pesquisas por motivo de discordância quanto às linhas de pensamento que cada um seguia.

Em linhas gerais, Aucouturier defende a tese que na sessão deve ser potenciado o jogo de pulsão, que denomina de jogo sensório-motor; neste sentido, segue a classificação proposta por Piaget. Lapierre inclina-se a potenciar o jogo simbólico, uma vez que entende que em todo jogo da criança há uma intenção, mesmo que inconsciente. Além do mais, Lapierre advoga a implicação corporal do adulto nos jogos simbólicos das crianças, posição essa de que Aucouturier não compartilha (NEGRINE, 1995, p. 65).

Lapierre e sua filha Anne (apud NEGRINE, 1995), definiram a evolução infantil em seis fases, classificando cada uma delas como etapas em que a agressividade primitiva passa por um processo de domesticação e socialização, propiciadas pelo jogo simbólico e a participação do adulto, do qual o poder é destituído para que a criança venha a assumi-lo em sua fase de estruturação independente.

Negrine (1995) também informa como Lapierre concebe a forma ideal para a prática da educação psicomotora no âmbito escolar. Neste ponto surge o distanciamento dialético entre Lapierre e Aucouturier, pois para aquele o jogo simbólico da criança é o campo de ação propício para a educação psicomotora, ao passo que para este o jogo sensório-motor é o meio pelo qual a fantasia infantil encontra canalização para potenciar o jogo de pulsão.

Também se nota a divergência entre os dois autores franceses pela noção de que Lapierre considera a psicomotricidade um amplo campo em que as relações humanas e as questões psíquicas influem diretamente sobre a personalidade em todas as idades. Em Aucouturier encontramos, como contraponto, a ideia de que a psicomotricidade se valida como forma de pedagogia complementar até os sete ou oito anos, aproximadamente, e que após este período inicial, outras atividades deveriam ser consideradas para o aprimoramento da expressão corporal.

NEGRINE (1995) afirma que, para LE BOULCH, a questão da superação do dualismo integra o movimento à formação da personalidade humana: “Com Le Boulch, a educação física tem um fundamento no campo teórico; a prática que propõe não

supera, todavia, o enfoque dualista das práticas corporais, já que segue propondo famílias de exercícios”.

Lembra BUENO (1998) que LE BOULCH representa um avanço para a psicomotricidade no que se refere à profissionalização da ciência. Segundo o mesmo autor, o reconhecimento oficial dos profissionais da psicomotricidade encontra-se em andamento na França, terra natal da ciência, onde, através um decreto ministerial de 1967, sugere-se o horário semanal de seis horas para a educação psicomotora nas escolas.

Oseretski (apud NEGRINE, 2002), psicanalista soviético, criou na década de 30 uma bateria de testes motores de características biomédicas, cujo objetivo, em resumo, é prescrever automatismos psicomotores para que certas habilidades venham a proporcionar à criança um desenvolvimento adequado. Ainda em Negrine (2002), encontra-se referência a Oseretski como mentor da explicação para a evolução da motricidade humana na obra de Wallon.

3- ATIVIDADES FÍSICAS NA INFÂNCIA

Com os altos índices de obesidade, de sedentarismo infantil, que nos desagrada, temos que considerar a importância de atividade física nessa idade, que é primordial para o desenvolvimento de um ser humano saudável físico e mentalmente.

É na educação física escolar que se tem a oportunidade de desenvolver cada criança com suas particularidades, respeitando sempre seu nível de maturação psicológica e física. Temos que saber que criança não é miniatura de adulto e sua mentalidade é totalmente diferente da de um adulto, e que de qualquer modo, criança não é só menor, mais bem diferente.

A prática esportiva para crianças tem o grande papel de promover o desenvolvimento motor básico, fazer com que ela se integre, descubra e discuta sobre o mundo em que vive, entenda seu corpo e seus limites, melhore sua autoestima, sua autoconfiança, melhore sua expressividade e em termos fisiológicos, reduza as condições para o desenvolvimento de doenças.

Em cada fase é indispensável olhar a criança como criança e não como um atleta profissional. Criando oportunidades de crescimento e descoberta individual usando o esporte e a atividade física como ferramenta, é o que cabe ao professor de educação física nas suas aulas.

É necessário que os pais e os profissionais da educação física estejam atentos e preparados para agir em conformidade com as mudanças do meio, sempre fazendo com que a criança conheça os benefícios que a atividade física traz na sua vida. Benefícios esses que ajudarão a formar seu caráter e direcionar a vida de outras pessoas que interagem com eles. Por isso não podemos deixar de lado, que temos que estimulá-los a serem fisicamente ativos.

É importante conscientizar que a saúde é o fator de maior importância e que é preciso combater nas nossas crianças o sedentarismo para que tenhamos adultos com uma qualidade de vida melhor. Pode ser um conceito ensinado em cada aula pelo professor, pois percebemos que viver mais e melhor depende exclusivamente dos nossos hábitos.

No repensar a educação física, temos que saber que a educação física é uma necessidade, pois sua finalidade é que o aluno (a) aprenda a praticar seus movimentos corporais relacionados na prática dos jogos, nas danças, nas ginásticas e no esporte em geral.

Temos que repensar as finalidades da educação física nas escolas, mostrando que não são somente jogos e brincadeiras, que é uma matéria de estudos, pois ela tem uma história, uma geografia, uma ciência que deve ser motivo de estudo e pesquisa para ser efetivamente aproveitada no dia a dia e na vida dos que participam das aulas.

Educação Física escolar não é aula de esporte nem treinamento esportivo. Não é aula de brincar pelo brincar. É uma aula que tem conteúdo a ensinar igual às outras disciplinas da escola. Seu conteúdo tem a função de ensinar e contribuir para a formação do caráter do aluno. Portanto, tem a mesma importância e características das outras disciplinas com conteúdo teórico e prático para ensinar.

Temos que repensar a educação física porque tem pais e infelizmente profissionais da educação física que ainda pensam que as aulas servem basicamente

para brincar e jogar na escola devido à falta de entender que a necessidade de movimento da criança não é exclusividade e nem motivo principal da educação física.

Ser profissional de Educação Física é ser líder, companheiro, amigo, é estar apto a ouvir e a falar, a dar motivação quando não se tem... E ser líder, é ser um formador de opiniões. E ter ética, respeitar o companheiro de profissão que esteja em outra área, pois ninguém é melhor do que ninguém.

Em tempos de violência, agressividade, falta de coletividade, respeito ao próximo, o profissional de Educação física, surge como uma espécie de "luz no final do túnel". Através do nosso trabalho temos o poder nas mãos de conseguir reverter situações das mais adversas. Principalmente em ambientes (comunidades carentes), onde violência, tráfico de drogas, etc. imperam. O bom profissional de educação física é aquele que sabe superar seus limites, que tem humildade suficiente para reconhecer suas limitações e principalmente de seus próprios alunos. Ser um bom observador e conseguir traçar estratégias para que o processo de ensino aprendizagem se torne adequado e motivante.

A troca de informações e experiências deve ser constante. Pesquisar se torna necessário para o resto de nossas vidas, buscar o conhecimento incessantemente.

Saber dizer "não sei" pode muitas das vezes ser difícil, mas é melhor dar uma informação correta do que tentar dar respostas rápidas e nada objetivas sem saber, e com isso cair no descrédito por parte dos alunos. Somente assim, poderemos fortalecer ainda mais o conceito de nossa maravilhosa profissão.

Um bom profissional deve informar ao aluno os reais benefícios da atividade física e de uma vida saudável. Mostrar que existem limites individuais que devem ser respeitados e que o exercício deve ser incorporado ao cotidiano, sem grandes sacrifícios, sem se tornar um sofrimento. O profissional também deve motivar e criar estratégias para que o aluno sintam-se animado para dar continuidade ao trabalho.

O que deve ser repensado na profissão do profissional de educação física é a falta de união da categoria, pois é um problema que afeta muito a profissão. Existe também uma subestimação do profissional de Educação Física, mas parte é culpa da formação e da seriedade com que é encarada a profissão por muitos. O lado bom é

poder ajudar muitas pessoas a melhorarem a saúde, autoestima, disposição, enfim, a própria maneira de encarar a vida. Isso é muito gratificante.



FIGURA 1

3.1- A questão das lutas nas aulas de Educação Física

O ser humano, desde suas origens, produziu cultura. Sua história é uma história de cultura, na medida em que tudo o que faz está inserido num contexto cultural, produzindo e reproduzindo cultura. O conceito de cultura é aqui entendido como produto da sociedade, da coletividade à qual os indivíduos pertencem, antecedendo-os e transcendendo-os (PCN, p. 21).

Dentre as produções dessa cultura corporal, algumas foram incorporadas pela Educação Física em seus conteúdos: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta. Estes têm em comum a representação corporal, com características lúdicas, de diversas culturas humanas; todos eles ressignificam a cultura corporal humana e o fazem utilizando uma atitude lúdica. Trata-se, então, de localizar em cada uma dessas manifestações (jogo, esporte, dança, ginástica e luta) seus benefícios fisiológicos e psicológicos e suas possibilidades de utilização como instrumentos de comunicação, expressão, lazer e cultura, e formular a partir daí as propostas para a Educação Física escolar (PCN, p. 23).

As lutas são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade. Podem ser citados como exemplo de lutas desde as brincadeiras de cabo-de-guerra e braço-de-ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do caratê (PCN, p. 30)

Em paralelo com a construção de uma melhor coordenação corporal ocorre uma construção de natureza mais sutil, de caráter mais subjetivo, que diz respeito ao estilo pessoal de se movimentar dentro das práticas corporais cultivadas socialmente.

Essas práticas corporais permitem ao indivíduo experimentar e expressar um conjunto de características de sua personalidade, de seu estilo pessoal de jogar, lutar, dançar e brincar. Mais ainda, de sua maneira pessoal de aprender a jogar, a lutar, a dançar e a brincar. Pode-se falar em estilo agressivo, irreverente, obstinado, elegante, cerebral, ousado e retraído, entre outros. Nessas práticas o aluno explicita para si mesmo e para o outro como é, como se imagina ser, como gostaria de ser e, portanto, conhece e se permite conhecer pelo outro (PCN p. 35)

As atividades de luta são suscetíveis a serem aplicadas no âmbito escolar, devido a sua grande quantidade de vantagens que apresenta, como:

- o desenvolvimento do sentido do tato;
- a descarga e o controle da agressividade, fazendo isto a todas as outras atividades cotidianas;
- aumento da responsabilidade, porque “obriga” o aluno a garantir integridade física dos demais companheiros;
- desenvolvimento de habilidades motrizes básicas, especialmente aos movimentos e giros;
- incremento a condições físicas de forma globalizada, força, resistência, velocidade e flexibilidade;
- ganho de segurança já que os alunos se familiarizam com as caídas e contato físico;

- precisam usar constantemente esquemas como: percepção, decisão e execução;
- favorece a integração de todos os alunos já que incluem todo só tipo de pessoas com características morfológicas e fisiológicas diferentes;
- aprendem normas de grupo e respeitar os outros companheiros.

A violência é vista como algo intrínseco às práticas da luta, e que pode aflorar e/ou despertar ainda mais se o tema for tratado na escola, pois muitos alunos já demonstram traços de comportamento violento no cotidiano escolar.

Por oferecer uma grande quantidade de vantagens e possibilidade educativas, são tidas como um potencial pouco explorado nas escolas, especialmente na etapa de educação primária. Portanto devemos fazer a seguinte pergunta. Quais são as causas para que as atividades de luta não sejam utilizadas das nas aulas de educação física? E as principais causas são: o desconhecimento de muitas características das atividades de lutas, assim como possibilidade e seus benefícios.

A ideia de risco que ocorre aos alunos é muito grande. “Se Crê que a agressividade” que os alunos possam ter se convertera em algo incontrolado durante a realização da atividade.

A ausência de atividades de lutas organizadas nos programas de educação física.

A crença que precisa de matérias, instalações e conhecimentos especializados para este tipo de atividade.

Com essa pesquisa queremos mostrar a Importância do Karatê-Dô na formação integral de alunos nas aulas de Educação Física.



FIGURA2

4- O PORQUÊ DO KARATÊ?

Nas ideias de GichinFunakoshi sobre a prática (do Karatê-Dô) como forma de educar, está na concepção de que a aprendizagem e o desenvolvimento dependem não só do intelecto (é importante destacar a relação de equilíbrio mente/corpo), mas da prática assídua e da própria experiência mental e física.

O karatê tem muito em comum com outras atividades físicas: aumento da aptidão motora, aquisição de habilidades específicas (autodefesa), atividades sociais e etc. Mas se distingue de algo muito importante: muitos esportes orientam potencialmente para a competição e enfoque em ganhar, no entanto, esta arte marcial tradicionalmente asiática, expõe uma concentração de conhecimento, melhoramento e controle de si mesmo. Combina aspectos psicológicos, filosóficos e incluídos espirituais que beneficiam crianças e adolescentes, no processo de passagem de criança-Adulto (endogamia-Exogamia).

Do ponto de vista Cronológico: O karatê pode ser praticado desde idades muito pequenas.

Do ponto de vista biológico: As aulas de karatê são feitas para melhor acompanhar e ajudar no desenvolvimento biológico de cada etapa. São feitos exercícios de acordo com as idades dos alunos.

Do ponto de vista psicossocial: a partir da transição da idade criança adulto, começa-se a formar os “grupinhos”, a prática do Karatê pretende reunir crianças e jovens para fazer exercícios físicos cabíveis a cada um.

Estudos demonstram que a prática do karatê com crianças:

- Entre 2-8 anos: prestam maior atenção, passam variar melhor a velocidade, mostra maior consciência, conseqüentemente maior coordenação.
- Dos 8-12 anos: maior capacidade de modificar alguma ação.

Karatê é uma arte marcial e sistema de autodefesa que se originou centenas de anos atrás, em Okinawa, mas foi fortemente influenciado por uma ainda mais antiga tradição da China.

A influência chinesa foi maior num primeiro estágio de desenvolvimento, variando em um paradigma primitivo de simples luta com agarrões e projeções para um modelo com mais ênfase em golpes traumáticos, e se fez sentir nas técnicas dos estilos mais fluidos e pragmáticos da China meridional. Depois, devido a alterações geopolíticas, sobreveio à predominância das disciplinas de combate do Japão e, nesse período, o modelo tendeu a simplificar ainda mais os movimentos, tornando-os mais diretos e renunciando àquilo que não seria útil ou que fosse mero floreio.

O repertório técnico da arte marcial abrange, principalmente, golpes contundentes (atemiwaza), como pontapés, socos, joelhadas, bofetadas etc., executadas com as mãos desarmadas. Todavia, técnicas de projeção, imobilização e bloqueios (nagewaza, katamewaza, ukewaza), também são ensinadas, com maior ou menor ênfase, dependendo de onde ou qual estilo ou escola se aprende karatê.

A Grosso modo, pode-se afirmar que a evolução desta arte marcial aconteceu orientada por renomados mestres, que a conduziram e assentaram suas bases resultando no karatê moderno, cujo trinômio básico de aprendizado repousa em kihon (técnicas básicas), kata (sequência de técnicas, simulando luta com várias aplicações práticas) e kumite (enfrentamento propriamente dito, que pode ser mero simulacro ou dar-se de maneira esportiva ou competitiva ou mais próxima da realidade). Esse processo evolutivo também mostra que a modalidade surgida como se fosse uma única raiz

acabou por se dividir em três partes e, por fim, tornou-se uma miríade de diversas variações sobre um mesmo tema.

O estágio da transição entre os séculos XX e XXI revela que a maioria das escolas de karatê tem dado ênfase à evolução do condicionamento físico, desenvolvendo velocidade, flexibilidade e capacidade aeróbica para participação de competições de esporte de combate, ficando relegada àquelas poucas escolas tradicionalistas a prática de exercícios mais rigorosos, que visam o desenvolvimento da resistência dos membros, e de provas de quebraamento de tábuas de madeira, tijolo ou gelo. De um modo simples, há duas correntes maiores: uma tendente a preservar os caracteres marcial e filosófico do karatê, e outra, que pretende firmar os aspectos esportivo e lúdico.

A partir do primeiro quartel do século XX, o processo de segmentação instalou-se de vez, pretendendo difundir seu modo peculiar de entender e desenvolver o karatê, a despeito de compartilharem semelhanças técnicas e de origem. Tal circunstância, que foi combatida por mestres de renome, acabou por se consolidar e gerar como consequência a falta de padronização e entendimento entre entidades e praticantes. Daí, posto que aceito mundialmente como esporte, classificado como esporte olímpico e participando dos Jogos Pan-Americanos, não há um sistema unificado de valoração para as competições, ocasionando grande dificuldade para sua aceitação como esporte presente nos Jogos Olímpicos.

Em que pese a enorme fragmentação de estilos e os inúmeros tratamentos ou convívios sem cerimônia e com intimidade, procuram ainda seguir um modelo pedagógico mais ou menos comum. E neste ambiente, distingue-se o mero praticante daquele estudioso dedicado à arte marcial, o carateca, o qual busca desenvolver uma disciplina rigorosa, filosofia e ética, além de aprender simples movimentos e condicionamento físico. Nessa mesma linha, aquele carateca que alcança o grau de faixa ou cinturão preto (a) é chamado de Sensei. E os sítios de aprendizado são chamados de dojôs, sendo esta, vista de regra, filiada a alguma linhagem ou estilo.

Ao chegar e ao sair do Dojo: O karateca ao chegar à entrada do dojô assume a posição de cumprimento em pé (Ritsurei), pronuncia vigorosamente a palavra “OSS!”, para avisar ao Sensei (instrutor chefe ou o presente), aos Senpai (mais graduados ou mais antigos) e o Kohai (menos graduados ou menos antigos) de sua chegada ou saída,

quando o dojô estiver vazio o karateca o faz em respeito ao dojô a ao Mestre Funakoshi (tratando-se de Saudação Simbólica).

2. Quando do encontro com outro colega de karatê: A saudação “OSS!” é a que deve chegar primeiro, de maneira vigorosa e com vivacidade, partindo sempre do Kohai para o Senpai, o aperto de mãos que vem em seguida já se procede de maneira contrária, sendo assim do Senpai para o Kohai e, claro, o Senpai não se negará a apertar a mão do Kohai, caso o mesmo venha e estender primeiro.

Obs. A saudação “OSS!” é impessoal, independe do grau de simpatia entres os karatecas, quando um deles se nega, por qualquer motivo, a responder a saudação, o mesmo está sujeito às sanções disciplinares prevista no regimento interno de sua academia, por não condizer essa atitude com a filosofia do KARATE-DO, seja qual for o estilo.

4.1 - História do Karatê

Entende-se como Karatê-Dô à prática complementar de formação cultural e desportiva baseada no desenvolvimento peculiar dos sistemas de defesa pessoal e evolução interior característicos de Okinawa em seus primórdios (século XVIII) e do Japão a partir do início do século XX.

Karatê é uma palavra japonesa que significa “mãos vazias”. É uma arte altamente científica, fazendo o mais eficaz uso de todas as partes do corpo para fins de autodefesa. O maior objetivo do karatê é a perfeição do caráter, através de árduo treinamento e rigorosa disciplina da mente e do corpo. O karateca (cultor de karatê-Do) utiliza como armas as mãos, os braços, às pernas, os pés, enfim, qualquer parte do corpo.

Além de ser um excelente meio de autodefesa, o karatê também é um meio ideal de exercício. Ele desenvolve a força, a velocidade, a coordenação motora, o condicionamento físico e é reconhecido também por seus valores terapêuticos.

O combate desarmado nasceu antes da história escrita, mas as origens mais remotas são obscuras, muitas vezes encobertas pelo folclore de uma variedade de culturas do mundo.

Várias formas de combate desarmado eram praticadas na Índia, na China, em Formosa e em Okinawa, uma ilha ao sul do Japão. Em Okinawa, as lutas desarmadas foram desenvolvidas em segredo durante muito tempo, devido à influência dos fidalgos japoneses que conquistaram a ilha, proibindo os seus súditos de carregarem armas. Esta proibição de andarem armados obrigou muitas pessoas a praticar formas de combate sem armas, em segredo.

O karatê moderno nasceu na época em que o finado Mestre Gichin Funakoshi (1868-1957), então líder da Sociedade Okinawa de Artes Marciais, foi solicitado pelo Ministério da Educação do Japão, em maio de 1922 a conduzir apresentações de karatê em Tóquio. A nova arte foi recebida entusiasticamente e foi introduzida em várias universidades, onde criou raízes e começou a florescer.

Devido ao fato do karatê ter sido praticado secretamente no passado, um grande número de escolas e estilos (Ryus) foi desenvolvido. Hoje existem inúmeras escolas no Japão, sendo as mais destacadas: Shotokan, Goju-Ryu, Shito-Ryu e Wado-Ryu, todas com ramificações pelo mundo afora.

Gichin Funakoshi nasceu em Shuri, Okinawa, em 1868, o mesmo ano da Restauração Meiji. Funakoshi era filho único, e logo após o seu nascimento fora levado para a casa dos seus avós maternos, com quem foi educado e aprendeu poesias clássicas chinesas. Aos 11 anos de idade iniciou seus estudos, com o mestre Asato, no duro sistema Naha-Te (força e contração), e com o mestre Itosu no sistema Shuri-Te (velocidade e elasticidade).

Foi perto do fim do ano de 1921, mestre Funakoshi, numa exposição de educação física promovida pelo governo Japonês em Tokyo, foi escolhido como representante da ilha, para fazer oficialmente a primeira demonstração pública do Okinawa-te à capital japonesa. Mestre Funakoshi reestruturou e codificou as técnicas de luta passando a chamá-las de Karatê-Dô. Funakoshi sempre enfatizava o desenvolvimento do caráter e autodisciplina nas suas narrações.

"Assim como um vale vazio pode ecoar o som da voz, do mesmo modo a pessoa que segue o Caminho do Karatê-Dô deve esvaziar-se se livrando de todo egoísmo e ambição. Tornar-se vazio interiormente, mas reto por fora. Este é o significado verdadeiro de vazio no Karatê-Dô."

O Mestre Gichin Funakoshi além de Mestre de Karatê era também, exímio poeta e quando escrevia os seus poemas usava o pseudônimo de SHOTO (que significa: ondas de pinheiro). Ele usava este nome porque a cidade nativa de Shuri, local do seu nascimento, era rodeada por colinas com florestas de pinheiros RYUKYU e vegetação subtropical; entre elas estava o Monte Torao. A palavra torao significa: cauda de tigre; e era particularmente adequada porque a montanha era estreita e tão densamente arborizada que realmente tinha a aparência de uma cauda de tigre quando vista de longe.

Por volta de 1933, Funakoshi desenvolveu exercícios básicos para prática das técnicas em duplas. Tanto o ataque de cinco passos (Gohon Kumite) como o de um (Ippon Kumite) foram usados. Em 1934, um método de praticar esses ataques e defesas com colegas de um modo levemente mais irrestrito, semi-livre (Ju Ippon Kumite), foi adicionado ao treinamento.

Em 1935, foi publicado seu livro: "Karatê Do Kyohan". Este livro trata basicamente dos Kata. Funakoshi era Taoísta, e ele ensinava Clássicos Chineses, como o Tao Te Ching de Lao Tzu, enquanto ele estava vivendo em Okinawa. Funakoshi era profundamente religioso. Ele tinha muito medo de que o Karatê se tornasse um instrumento de destruição, e provavelmente queria eliminar do treinamento algumas aplicações mortais dos Kata. Então, ele parou de fazer essas aplicações.

Ele também começou a desenvolver estilos de luta que fossem menos perigosos. Funakoshi teve sucesso ao remover do Karatê técnicas de quebras de juntas, de ossos, dedos nos olhos, chaves de cotovelo, esmagamento de testículos, criando um novo mundo de desafios e luta em equipe onde somente umas poucas técnicas seriam legais. Ele fez isso baseado nos seus propósitos e com total conhecimento dos resultados.

Em 1936, Funakoshi mudou os caracteres Kanji utilizados para escrever a palavra Karatê. O caractere "Kara" significava "China", e o caractere "Te" significava "Mão". Para popularizar mais a arte no Japão, ele mudou o caractere "Kara" por outro, que significa "Vazio". De "Mãos Chinesas" o Karatê passou a significar "Mãos Vazias", e como os dois caracteres são lidos exatamente do mesmo jeito, então a pronúncia da palavra continuou a mesma. Além disso, Funakoshi defendia que o termo "Mãos Vazias" seria o mais apropriado, pois representa não só o fato de o Karatê ser um método de defesa sem armas, mas também representa o espírito do Karatê, que é esvaziar o corpo de todos os desejos e vaidades terrenos.

No mesmo ano (1936), foi fundado o primeiro DOJÔ Oficial de Karatê, pelo Comitê Nacional e devido aos feitos do mestre Funakoshi, foi batizado com o nome de SHOTO-KAN. Daí surgiu o nome de uma escola (estilo) que até hoje é cultivada em várias partes do mundo. SHOTO (pseudônimo de Funakoshi) + KAN (escola, classe...) = Escola de Funakoshi.

Funakoshi tinha 71 anos em 1939, e foi quando ele deu o primeiro passo dentro de um Dojô de Karatê em 29 de Janeiro. O prédio foi feito de doações particulares, e uma placa foi pendurada sobre a entrada e dizia: "Shotokan". "Sho" significa pinheiro. "To" significa ondas ou o som que as árvores fazem quando o vento bate nelas. "Kan" significa edificação ou salão. "Shoto" era o pseudônimo que Funakoshi usava para assinar suas caligrafias quando jovem, pois quando ele ia escrevê-las se recolhia em um lugar mais afastado, onde pudesse buscar inspiração, ouvindo apenas o barulho dos pinheiros ondulando ao vento. Esse nome dado ao ShotokanKarateDojo foi uma homenagem de seus alunos.

A necessidade de um treinamento nas artes militares estava em crescimento. Jovens estavam se amontoando no Dojô, vindos de todas as partes do Japão. O Karatê foi de carona nessa onda de militarismo e estava desfrutando de uma aceitação acelerada como resultado.

Finalmente o Japão cometeu um grande erro. O bombardeio das forças navais americanas em Pearl Harbor a 7 de Dezembro de 1941 foi algo além da conta. Numa tentativa de prevenir que as embarcações americanas bloqueassem a importação japonesa de matéria-prima, os japoneses tentaram remover a frota americana e varrer a influência Ocidental do próprio Oceano Pacífico. O plano era bombardear os navios de guerra e os porta-aviões que estavam no território do Hawaii. Isto deixaria a força da América no Pacífico tão fraca que a nação iria pedir a paz para prevenir a invasão do Hawaii e do Alasca. Infelizmente, o pequeno Japão não tinha os recursos, força humana, ou a capacidade industrial dos Estados Unidos.

Com uma mão nas costas, os americanos destruíram completamente os japoneses na Ásia e no Pacífico. Uma das vítimas dos ataques aéreos foi o ShotokanKarateDojo que havia sido construído em 1939. Com a América exercendo pressão em Okinawa, a esposa de Funakoshi finalmente iria deixar a ilha e juntar-se a ele em Kyushu no Sul do Japão. Eles ficaram lá até 1947.

Os americanos destruíram tudo que estava em seu caminho. As ilhas foram bombardeadas do ar, todas as cidades queimadas até o fim, as colinas crivadas de balas pelos cruzadores de guerra de longe da costa, e então as tropas varreram através da ilha, cercando todo mundo que estivesse vivo. A era dourada do Karatê em Okinawa tinha acabado. Todas as artes militares haviam sido banidas rapidamente pelas forças ocupantes americanas. Primeiro uma, depois outra bomba atômica explodiram sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki.

Três dias depois, bombardeiros americanos sobrevoaram Tokyo em tal quantidade que chegaram a cobrir o Sol. Tokyo foi bombardeada com dispositivos incendiários. Descobrimos que o governo do Japão estava a ponto de cometer um suicídio virtual sobre a imagem do Imperador, cartas secretas foram passadas para os japoneses garantindo sua segurança se eles assinassem sua "rendição incondicional". O Japão estava acabado, a Guerra do Pacífico também, mas o pesadelo de Funakoshi ainda havia de acabar.

Então, Gigo (também conhecido como Yoshitaka, dependendo como se pronunciava os caracteres do seu nome), filho de Funakoshi, um promissor jovem mestre de Karatê no seu próprio direito, aquele que Funakoshi estava contando para substituí-lo como instrutor do Shotokan, pegou tuberculose em 1945 e morreu enquanto teimosamente recusa-se a comer a ração americana dada ao povo faminto. Funakoshi e sua esposa tentaram viver em Kyushu, uma área predominantemente rural, sob a ocupação americana no Japão. Mas, em 1947, ela morreu, deixando Funakoshi retornar a Tokyo para reencontrar seus alunos de Karate que ainda viviam.

Depois que a guerra havia acabado as artes militares haviam sido completamente banidas. Entretanto, alguns dos alunos de Funakoshi tiveram sucesso em convencer as autoridades que o Karatê era um esporte inofensivo. As autoridades americanas concederam, mais porque naquela época eles não tinham ideia do que Karatê fosse. Também, alguns homens estavam interessados em aprender as artes militares secretas do Japão, então as proibições foram eliminadas completamente em 1948.

Em Maio de 1949, os alunos de Funakoshimo vem para organizar todos os clubes de Karatê universitários e privados numa simples organização, e eles a chamaram de NihonKarateKyokai (Associação Japonesa de Karatê). Eles nomearam Funakoshi seu instrutor chefe.

Em 1955, um dos alunos de Funakoshi consegue arranjar um Dojo para a NKK. Em 1957, Funakoshi tinha 89 anos de idade. Ele foi um professor de escola primária e um estudante de Karatê. Ele mudou-se para o Japão (e não é um pequeno ato de coragem) e trouxe o Karatê consigo em 1922, dando ao Japão algo de Okinawa com seu próprio jeito pacifista. No processo, ele perdeu um filho, sua esposa, o prédio que seus alunos fizeram para ele, seu lar, e qualquer esperança de uma vida pacífica. Ele suportou uma Guerra Mundial que resultou em calamidade nacional, e ele treinou seus jovens amigos e conheceu suas famílias apenas para vê-los irem lutar e serem mortos pelas forças invencíveis dos Estados Unidos.

Ele viu o Japão queimar, ele viu os antigos templos e santuários serem totalmente aniquilados, ele viu bombardeiros enegrecerem o sol, e ele viu como um pilar de fumaça negra subia de cada cidade no Japão e envenenava o ar que ele respirava. Ele viu o Japão cair da glória para uma nação miserável, dependendo de suprimentos de comida e roupas dos seus conquistadores.

O cheiro da fumaça e o cheiro dos mortos, os berros daqueles que foram deixados para morrer lentamente, o choro das mães que perderam seus filhos e esposas que nunca mais iriam ver seus maridos, o medo, o ruído ensurdecedor dos B-29's voando sobre sua cabeça aos milhares, os clarões como os de trovões por todo o país quando as bombas explodiam em áreas residenciais, os flashes de luz na escuridão, a espera no rádio para poder ouvir a voz do Imperador pela primeira vez, somente para anunciar a rendição, a humilhação de implorar comida aos soldados e os intermináveis funerais e famílias arruinadas e lares destruídos.

Mestre Gichin Funakoshi, o "Pai do Karatê Moderno", morreu em 26 de Abril de 1957. Em seu túmulo negro, em forma de cruz, estão às palavras "Karate Ni Sente Nashi" (No Karatê não existe atitude ofensiva). Que pouco tempo antes de morrer ele pode dizer.

4.2 - Karatê no Brasil

O Karatê foi introduzido no Brasil através da colônia japonesa nas cidades de Biguá, Pedro de Toledo, Bastos, Maria e Graça, no litoral de São Paulo, por ocasião das imigrações.

Oficialmente, sabe-se que, em 1955, o professor Harada, 5º Dan, da Universidade de Waseda, foi o primeiro a estabelecer uma academia de Karate Shotokan no Brasil, na R. Quintino Bocaiúva, 255, em São Paulo.

Após o pioneirismo de Harada, outros mestres do Karatê fundaram outras academias. Yasutaka Tanaka fundou a Kobukan, no Rio com seu aluno Lirton dos Reis Monassa (também professor no Rio de Janeiro), Sadaomu Oriu fundou a Shidokan, com Duncan (professor no Rio), Fernando, Maurício e Raimundo Bastos (professor no Rio). Já na capital federal, Brasília, o professor Tetsuma Higashima trabalhou para a expansão do Karatê, da mesma forma que Eisuki Oishi, na Bahia.

Os primeiros que se formaram faixas pretas Shotokan do Brasil foram: Milton Osaka, Inoki, Benedito N. A. Santos, Lirton dos Reis Monassa, Fernando Pessoa, Maurício, Yasuiki Sasaki, Ailton M. Menezes, Oswaldo Duncan, Raimundo Bastos, Márcio Bevenuto, Cláudio Trigo, William Felipe, Júlio Alay e Dinor. Posteriormente vieram do Japão: Takeushi (RJ), Taketo Okuda (SP), Oishi e Yoshizo Machida (BA).

O 1º Campeonato Brasileiro de Karate foi realizado na cidade do Rio de Janeiro no Ginásio de Esportes do Botafogo Futebol e Regatas. Esta foi à primeira competição oficial de karatê no Brasil, realizada nos dias 2 e 3 de dezembro de 1969 e teve a participação dos seguintes estados: São Paulo, Distrito Federal, Bahia e Rio de Janeiro.

RESULTADOS

Kumitê Individual

1º Lugar: Dorival Caribe (BA)

2º Lugar: Denílson Caribe (BA).

Kata Individual

1º Lugar: Cláudio Trigo (RJ)

2º Lugar: Denílson Caribe (BA).

Kumitê Equipe :

1º Lugar : Rio de Janeiro - (Lirton Monassa, Márcio Benvenuto, Cláudio Trigo, Mario Cervone, Paulo Góes, Fernando Soares e Antônio Fraga).

2º Lugar: São Paulo - (Alfio Ferrari Filho – Roberto Ferreira - Joel Souza – Luiz Tasuke Watanabe - ToshioNagai e Djair Daniel).

Kata Equipe :

1º Lugar: Rio de Janeiro - (Cláudio Trigo - Marcio Benvenute - Antônio Fraga - Mario Cervone e Sebastião Nazaré).

2º Lugar: Bahia - (Denílson Caribe - Ivo Rangel - Ivan alma e Milton Mucarzel).

Os atletas acima relacionados fazem parte da história do karatê brasileiro e participaram do primeiro campeonato oficial de karatê no Brasil. A entidade dirigente da modalidade na época era a Confederação Brasileira de Pugilismo, através do seu Departamento de Karatê.

4.3 – Karatê no Ceará

Com o sucesso de Funakoshi, muitos mestres migraram, levando o conhecimento do Karatê para diversos lugares. No Brasil, chegando aqui na década de 60, os mestres Tanaka e SadamuUriu vieram para o Rio de Janeiro. O mestre Uriu cria na brigada aero terrestre de paraquedismo do Rio de Janeiro uma turma de Karatê, sendo oriunda desta o então capitão Maia Martins.

Capitão Maia Martins PATRONO DO KARATÊ-DÔ CEARENSE

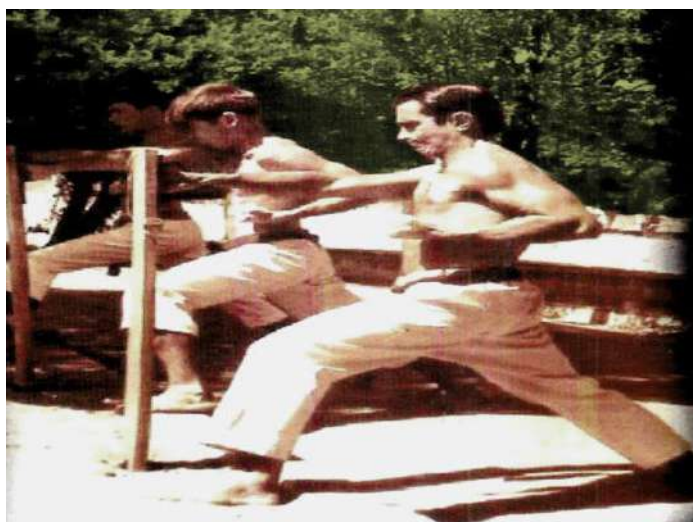


FIGURA 3

Entre 1965 e 1967 o Judô Cearense através dos Mestres Nilton Veloso e Milton Moreira abrem as portas para o Karatê a exemplo do grande Mestre Jigoro Kano ao ceder um horário para o Sensei Maia Martins ministrar aulas de Karatê no Dojô do Sensei Nilton Veloso no Centro de Fortaleza, sendo a primeira Academia a ministrar aulas de Karatê em nosso estado.

Neste período ele inaugurou o primeiro Dojô de Karatê-Do do Ceará em um galpão no Circulo Militar com o nome ASKACE com referencia a ASKABA da Bahia na pessoa do Sensei Denílson Caribé e do Mestre Y. Machida que contribuíram para formação de grandes Professores do Ceará como Heraldo Lobo, Paulo Sergio, Iko Trindade, Cleiton Albuquerque, Lima Brasileiro, Ulisses Moreira, Ostevaldo e outros.

Foi no ano de 1967 que a estimada arte do karatê-Dô chegou a nossa terra da luz, por meio do oficial do exército brasileiro, “Joaquim Antônio Maia Martins” ou como é mais conhecido aqui no estado do Ceará entre nós caratecas “capitão Maia Martins”.

Prestou serviços como Capitão no Colégio Militar de Fortaleza (CMF) de 10 de Março de 1967 a 19 de Janeiro de 1972, sendo chefe da seção técnica de ensino (STE) e professor de Ciências Físicas e Biológicas.

Foi neste período que ele introduziu o karatê no estado do Ceará. A primeira escola de karatê do estado foi a ASKACE (Associação de karatê do Ceará), seguidas de ASKAFOR, TOXICAN, VERDES MARES, ASBEKA, GAUTAMA, DRAGÃO, dentre outras que foram sendo fundadas nos anos seguintes.

Nessa época, com a implantação do karatê foi criado um Departamento Técnico de Karatê na Federação Cearense de Pugilismo, que organizava os eventos e deixava os exames de faixa a critério e organização de cada Associação.

Dia 12 de novembro de 1983 foi fundada a FCK (Federação Cearense de Karatê) sendo assim a primeira federação de karatê no estado que posteriormente filou-se a CBK. Em 1987 foi fundada a Federação Cearense de Karatê Do Tradicional.

Dia 20 de agosto de 1995 foi fundada a FKIC (Federação de Karatê Interestilos do Ceará), hoje denominada FCKE (Federação Cearense de Karatê Esportivo). O capitão Maia Martins formou as primeiras turmas de caratecas.

Muitos dos seus alunos vieram mais tarde dar a sua contribuição como professores, mais em 1972, com a transferência militar do professor Maia Martins, assumem a presidência e vice-presidência, respectivamente, Heraldo lobo e Iko Trindade.

4.4 - Significado das Cores das Faixas do Karatê

FAIXA BRANCA - A Faixa Branca (ShiroObi) – Sem graduação (Mu Kyu) - Essa é a cor do desprendimento. O branco reflete todas as cores. A própria cor dessa faixa indica que o seu portador ainda possui a ingenuidade e deve procurar manter a mente limpa. Entretanto, ele tem em potencial, todas as cores das demais faixas posteriores e, assim como o fogo está na pedra, cabe a ele, fazê-lo brotar através da fricção do treino árduo.

FAIXA AMARELA - A Faixa Amarela (KiuroObi) – 6º Kyu (RokkuKyu) - Assim como um sol que desponta todos os dias, ela significa que é um iniciante ou um recém-nascido no Karatê, que com o tempo irá crescendo e fortalecendo-se, até chegar à maturidade que corresponde a faixa preta.

FAIXA VERMELHA - A Faixa Vermelha (AkaObi) – 5º Kyu (GoKyu) - A cor vermelha sugere motivação, atividade e vontade. Ela atrai vida nova e pontos de partida inéditos. Essa é a cor do fogo, da paixão, do entusiasmo e dos impulsos. É a cor mais quente, ativa e estimulante. Ainda é uma cor primária que não pode ser formada pela mistura de outras cores, mostrando assim, que o praticante ainda deverá manter-se puro e fiel ao estilo de Karatê que elegeu.

FAIXA LARANJA - A Faixa Laranja (Daidaiiroobi) – 4º Kyu (YonKyu) - Esta cor é a mistura do vermelho com o amarelo, representado que o conhecimento dos graus anteriores deve estar contido nesta graduação e trazendo as qualidades dessas duas cores. Diz-nos que devemos procurar o sucesso no treino diário, agilidade, adaptabilidade, estimulação, atração e plenitude.

FAIXA VERDE - A Faixa Verde (MidoriObi) – 3º Kyu (Sankyu) - O verde é uma cor que representa Esperança e a Fé. É a cor mais harmoniosa e calmante de todas. Ela simboliza harmonia e equilíbrio. Essa cor, que nos chega depois das cores quentes

iniciais, nos dá a impressão de que chegamos a um oásis, depois de atravessar um árduo deserto, mas devemos saber que ainda há mais deserto a vencer.

FAIXA ROXA - A Faixa Roxa ou Violeta (MurasakiObi) – 2º Kyu (Nikyu) - O roxo é uma mistura das cores azul e vermelha. Essa é a cor usada pelos sacerdotes católicos para refletir santidade e humildade. Ela gera sentimentos como respeito próprio, dignidade e auto-estima. Esta é uma cor metafísica. É também a cor da alquimia, das transformações e da magia. Ela é vista como a cor da energia cósmica e da inspiração espiritual.

FAIXA MARROM - A Faixa Marrom (ChairoObi)– 1º Kyu (IchiKyu) - É a cor da solidificação. Representa a constância, a disciplina, a uniformidade adquirida e a observação das regras mantidas até aqui. Representa a conexão do praticante com o patrono do estilo que lhe foi passado, representado por seus mestres. Para criar essa cor, você precisa misturar o vermelho com o preto e, portanto, ela tem alguns dos seus atributos. Também representa a autocrítica e a dependência dos mestres para chegar até aqui. Significa que se está completando o processo de amadurecimento, tanto nos conhecimentos técnicos quanto no aspecto mental.

FAIXA PRETA - A Faixa Preta (KuroObi) – 1º Dan (Sho Dan) - É a junção de todas as cores. Enfim o corpo e a mente chegaram ao final de uma jornada e ao início de outra mais elevada. A faixa na cor preta, representa humildade, autocontrole, maturidade, serenidade, disciplina, responsabilidade, dignidade e conhecimento. É a cor do poder, induz a sensação de elegância e sobriedade. Onde o que está fora não entra e o que está dentro não sai. Observa-se que na maioria das sociedades ocidentais, o preto quase sempre é a cor da morte, do luto e da penitência, mostrando assim o estado mental de quem atingiu essa graduação.

A prática do Karatê sob a orientação de instrutores qualificados trará benefícios inestimáveis para a criança, pois se ela for bem orientada e motivada, será um grande passo para se evitar o aparecimento de certos vícios (como o uso de drogas, por exemplo) nocivos à saúde. Ela aprende a respeitar, prestar atenção e a se relacionar com os outros. Com relação ao aspecto físico, ela estará sempre se exercitando, o que proporcionará um melhor desenvolvimento corporal, contribuindo para uma vida saudável em todos os aspectos.

4.5 - O Karatê-Dô como fonte lúdica para aprendizagem

Os Desportos de Combate (onde não temos relutância em colocar as Artes Marciais) tiveram origem em Culturas Medievais, ou em culturas similares. Os seus objetivos concretos são o combate condicionado por regras de segurança, e o fator que costuma ser considerado como fundamental na sua classificação é o fator distância.

Desde há algum tempo tem-se preocupado com a significação dos Desportos de Combate em geral, e do Karatê em particular.

Esta preocupação continua presente, pois embora as atividades que implicam "luta" e oposição corporal direta entre os alunos já não sejam discriminadas dos conteúdos programáticos da Educação Física (novos programas), poucos são os professores que os abordam nas aulas de Educação Física.

Este afastamento deve-se, por um lado, a um desconhecimento preciso dos conteúdos respectivos, o que dificulta a intervenção didática e pedagógica, e, especialmente, a um desconhecimento das suas imensas potencialidades para o desenvolvimento sócio afetivo e perceptivo- motor da criança. Por outro lado, existe ainda a falsa crença de que estes tipos de atividades implicam um material muito específico, o que, está intrinsecamente ligado à noção de que os desportos de combate a abordar serão a Luta e o Judô.

Cabe aqui fazer uma referência especial ao Karatê-Dô já que, fora da Escola, é cada vez mais usual a sua prática, principalmente em escalões etários cada vez mais baixos. Assim, devemos refletir sobre o papel do Karatê-Dô infantil na socialização da criança, procurando também esclarecer, de certa forma, o tipo de tarefa motora inerente à prática da modalidade, elogiando os fatores positivos para a educação psíquico e sócio motora. Só a partir do esclarecimento deste ponto que evidencia a importância de investigar sobre o enquadramento da atividade pela análise da tarefa. Como qualquer atividade cultural, pelo Karatê-Dô pode-se vincular determinadas normas, valores e símbolos, que influenciam a maneira de pensar, sentir e agir dos seus protagonistas.

O jogo de combate no Karatê-Do é um jogo de informação incompleta e sem estratégia, de duas pessoas, e, dependendo dos casos, pode ser finito (termina ao fim de um número finito de jogadas) e de soma zero (se um, ganha, o outro perde).

Uma das suas características é que, por um lado, toda a responsabilidade de interpretação do jogo é individual; por outro lado, a situação é aberta, isto é, não depende apenas da própria intervenção, mas de todo um diálogo corporal com o "outro". Permite, assim, uma canalização centrífuga da atenção da criança, rumo ao "outro", sem apelar de forma demasiada complexa à cooperação. É um autêntico comportamento de sociabilização adequado à segunda infância e uma introdução aos comportamentos cooperativos próprios do período seguinte.

Outra importante característica do jogo de combate, ao referir-se ao caráter biplanar dos jogos, é a de que é interpretado, pelas crianças, como um faz-de-conta da luta real. Esta atividade de expressões emocionais são as mais diversas, na vez de recalçadas, devem ser trabalhadas objetivamente. O lidar com uma situação em que a "agressão" do "outro" é trabalhada ludicamente, permite a vivência próxima de problemas sócios afetivos diversos, como o da agressividade.

A intervenção pedagógica, instrumentalizada centralmente no desenvolvimento do indivíduo pela prática do combate de Karatê-Dô, tem que ser coerente com a nova antropologia, com a ontogénese do jogo, com o código ludencial. Antes de tudo, o prazer lúdico deve ser componente indispensável do karatê-Dô nas aulas de educação física para o desenvolvimento de alunos das séries iniciais do ensino fundamental predominante nos exercícios a propor.

A aula deve promover um ambiente de autonomia e liberdade. Por outro lado, a implantação dos valores de respeito pelo outro deve ser promovida pela manipulação das recompensas afetivas, e outras, que incentivem o controlo técnico do toque no parceiro.

Quanto às bases de raciocínio didático por que optamos, assentam no raciocínio dedutivo. A técnica emerge da manipulação das dimensões referidas.

Em termos gerais, a exploração estratégico-motora em jogo de combate parte de determinados conteúdos individuais dos protagonistas. A leitura da situação vai-se acentuando no essencial, por largar o acessório, o indivíduo vai encontrando a sua distância e o seu ritmo próprio, por largar determinantes inadequadas.

Pressupõe-se uma falsificabilidade de determinados comportamentos e decisões que vão levando à emergência de comportamentos mais próprios e adequados, sem a

certeza absoluta do seu caráter adequado nas situações futuras, mas com a segurança da iniciação ao raciocínio hipotético-dedutivo. Mas isto requer certa permanência mental, mais ou menos formalizaste, ou seja, um pensamento formal, na infância é relevante a importância do presente concreto para a auto manifestação.

O objetivo do Karatê-Dô é a perfeição da mente e do corpo. Contribui para a formação integral do homem. Isso o diferencia daqueles que fazem desta modalidade uma prática puramente desportiva.

Tradição é um conjunto de valores sociais que passam de geração em geração, de pai para filho, de mestre para discípulo, e está relacionado diretamente com crescimento, maturidade, do indivíduo integralmente.

Adota-se o Karatê-Dô por vários motivos dentre eles: o valor educativo foi determinante, principalmente no que se refere ao aspecto disciplinar. Outro, trabalhar com algum tipo de arte marcial e a prática como meio de defesa pessoal.

A oferta do Karatê-Dô na escola representa um meio de "desmistificá-lo" uma vez que a socialização de seu conhecimento permite aos alunos e professores criticá-lo dentro de um determinado contexto sócio-econômico-político-cultural. Na maioria das escolas que oferecem e desenvolve o Karatê-Dô de forma efetiva e sistemática, este esporte foi incluído como mais uma opção esportiva no programa de educação física escolar.

Pode-se confirmar que um atleta bem preparado fisicamente tem sua pulsação cardíaca bem abaixo da população normal. Enquanto se aceita que uma pessoa que não pratique exercícios regularmente tenha 80 batimentos cardíacos por minuto (em repouso), um atleta em repouso, às vezes, não precisa ter mais do que 60 para sentir-se bem, satisfazendo-se até com menos. O mesmo aparece em relação às necessidades de respiração. O número de incursões (inspiração — expiração) que um atleta necessita, é bem menor do que o de um executivo, por exemplo. Quanto melhor preparado estiver, menos precisará aumentar seu ritmo respiratório, além do que, disporá de uma reserva para quando uma ação ou adversário exigir.

O controle respiratório não é importante apenas para a prática de esportes. Ele pode fazer parte de todo um conjunto de atitudes que denotem uma maior harmonia pessoal. Percebe-se, que quando irados, totalmente descontrolados, tem-se uma

aceleração, tanto da ventilação quanto do ritmo cardíaco, respirando mais rápido e tem-se taquicardia; quando se tende a acalmar-se, estes ritmos também tenderão a se normalizar. Assim, a perda brusca ou continuada de equilíbrio mental e emocional, leva a alterar os ritmos, tendendo para uma repetição cíclica rápida.

São vários os benefícios que podem ser obtidos da prática adequada do Karatê-Dô, tais como:

- Manutenção da saúde e fortalecimento do corpo;
- Estímulo à coragem para enfrentar obstáculos. Respeito pelos outros, bons costumes em relação ao meio ambiente, equilíbrio, boa postura e respiração correta, que são estimulados pelos rituais tradicionais;
- Incentivo ao aperfeiçoamento pessoal no sentido de tentar vencer os próprios limites, como os do medo, da desconfiança, da preguiça, da indecisão;
- Empenho e dedicação, exigindo o máximo do corpo e da mente, treinando com paciência e perseverança até fazer dessas metas um hábito. Estabilidade emocional.

No mundo de hoje, valores como disciplina, respeito e companheirismo são muitas vezes deixados de lado. Pai e mãe frequentemente trabalham e, por vezes, não têm condições de ajudar a construir estes valores na criança, por não interagirem sempre com os filhos que, normalmente, passam os seus dias em frente de uma televisão, de um computador e ou com companhias inadequadas. Além disso, as escolas, em geral, valorizam o aspecto intelectual, dando menos ênfase aos fundamentos da educação moral, cujos ensinamentos estão voltados para o comportamento disciplinar e social.

A prática do Karatê-Dô sob a orientação de instrutores qualificados trará benefícios inestimáveis para a criança, pois se ela for bem orientada e motivada, será um grande passo para se evitar o aparecimento de certos vícios (como o uso de drogas), nocivos à saúde.

Nesse sentido, pode-se dizer que a prática correta do Karatê-Dô contribui enormemente para a educação, formação e desenvolvimento da criança. Ela aprende a respeitar, prestar atenção e a relacionar-se com os outros. Em relação ao aspecto físico, ela estará sempre a exercitar-se, o que proporcionará um melhor desenvolvimento corporal, contribuindo para uma vida saudável em todos os aspectos.

O principal motivo enfatizado quanto à necessidade de aprender esta arte esta no como se defender. Talvez essa evidência seja um reflexo da violência da qual a própria sociedade é agente e vítima ao mesmo tempo. A relação entre a violência e o comportamento das pessoas é frequentemente propagada nos meios de comunicação. Atitudes de provocações, ameaças, dentre outras, provocam sentimentos de raiva intensa que levam à agressão. De modo geral, o que se observa na prática cotidiana do Karatê-Dô é uma tendência geral de ensino que se caracteriza pela uniformização dos movimentos corporais. A mínima variação dos movimentos feitos por qualquer aluno ou grupo é sempre corrigida a tempo, para que todos executem, simultaneamente, e de forma "perfeita" o mesmo movimento.



FIGURA 4

5 - O ENSINO DO CONTEÚDO LUTAS E A VIOLÊNCIA ESCOLAR

As lutas, as ginásticas, os jogos, os esportes, as atividades rítmicas e expressivas, as atividades circenses, entre outras, são produções culturais historicamente acumuladas e socialmente transmitidas, que compõem uma área de conhecimento específica da Educação Física, denominada Cultura Corporal de movimento.

Neste sentido, entende-se a Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na Cultura Corporal de movimento, estimulando a percepção crítica e reflexiva da prática de seus conteúdos.

Ao discutirmos sobre o ensino das lutas na escola, em especial a prática do Karatê-Do, propomo-nos a estudar um assunto que, apesar de sua legitimidade, ainda é pouco explorado por grande parte dos professores de Educação Física escolar. (CARREIRO, 2005; DEL VECCHIO e FRANCHINI, 2006; NASCIMENTO, 2007; RUFINO e DARIDO, 2013).

Diria com certeza de que falar nesse assunto é bastante estranho para muitas pessoas. Isso porque as lutas são raramente trabalhadas no contexto escolar. Sob um olhar mais próximo ao senso comum, para a maioria infelizmente as lutas costumam ser sinônimos de brigas e de derramamento de sangue. A intenção deste texto é desmistificar essa ideia e mostrar de que modo a luta se constitui como uma prática de atividade física interessante para a escola.

Já sabemos que as lutas são um conteúdo oficial da disciplina de Educação Física, apresentado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Esse documento não apenas mostra as lutas como um conteúdo a ser trabalhado, como também aponta alguns caminhos para que o professor leve essa proposta ao aluno.

Entretanto, existem alguns argumentos que impedem que o professor incite essa prática. O primeiro deles é a falta de vivência da maioria dos professores com as lutas, ou seja, são poucos os que já lutaram antes; o segundo é a preocupação com a violência que se imagina que as lutas possam gerar. Uma coisa que alunos e professores precisam tomar consciência, é que o professor não precisa saber fazer para saber ensinar. Existem meios para que o professor possa trabalhar as lutas com os alunos sem tê-las praticado antes.

É disso que falaremos agora: em primeiro lugar, é interessante citar alguns tipos de lutas: judô, sumô, karatê, greco-romana, jiu-jitsu e capoeira. É claro que existem outras lutas que não estão listadas aqui, mas optei por restringir a lista apenas com o intuito de exemplificar. Para o olhar mais leigo, como já disse, todas parecem iguais, mas se analisarmos cada uma delas, perceberemos que elas têm objetivos diferentes. Enquanto algumas pretendem derrubar o adversário, outras procuram a imobilização e

umas até o deslocamento do oponente de uma área delimitada. Ou seja, você pode perceber que nenhuma delas tem a violência como finalidade.

Você também pode pensar a violência como consequência do trabalho com as lutas, já que as crianças manteriam contato corporal intenso durante a prática. Será que isso é verdade? Alguns estudiosos da área, como Nascimento e Almeida em “A tematização das lutas na Educação Física escolar” afirmam que a violência pode sim se apresentar como consequência das lutas, mas também pode se apresentar durante a prática do futebol e do basquetebol, por exemplo. Tudo depende de como o professor conduzirá a aula. Por isso, violência não é desculpa para que as lutas não sejam trabalhadas na sua escola.

Ainda há uma pergunta a se fazer: como trabalhar os diferentes tipos de luta com os alunos, se o professor não sabe a técnica? Ora, há recursos pedagógicos que permitem que isso seja feito. A pesquisa teórica sobre os diferentes tipos de lutas pode fazer alunos e professor aprenderem as técnicas e objetivos das lutas; vídeos das diferentes lutas podem apresentar e demonstrar a prática da luta e, a partir dela, o professor pode trabalhar brincadeiras que se pareçam com a prática feita sob regras oficiais; por último, as discussões sobre a teoria, a prática e os materiais audiovisuais são fundamentais para o crescimento do aluno e para um retorno para o professor.

Portanto, deve-se pensar que um professor de Educação Física não sabe todas as regras e nem todos os movimentos fundamentais de todos os esportes. Isso parece óbvio, já que são muitos os conteúdos para trabalhar com os alunos, mas não é: como a maioria das aulas de Educação Física é ministrada a partir da prática, muitos conteúdos interessantes não são trabalhados com os alunos, porque o professor não sabe fazer. Por isso, não cobre que seu professor saiba fazer tudo: o que ele precisa é saber ensinar!

No contexto da Educação Física, entendemos as lutas como manifestações da Cultura Corporal de movimento, construídas e resinificadas ao longo da história e, portanto, possíveis de serem ensinadas na escola.

Corroboramos com RUFINO e DARIDO (2009, p. 149) onde está escrito que Considerando as possibilidades pedagógicas, críticas e reflexivas acerca dos aspectos culturais e filosóficos inerentes a este conteúdo e abrangemos neste termo, as artes marciais e as modalidades esportivas de combate.

Mais relevante não é a discussão sobre qual terminologia está mais correta ou deve ser empregada em relação à outra e sim discutir sobre a inserção desses conteúdos, [lutas, artes marciais, modalidades esportivas de combate] que fazem parte da cultura corporal, nas aulas de Educação Física.

Entendemos que as lutas devem ser discutidas e praticadas nas aulas de Educação Física, possibilitando aos alunos o conhecimento e a apropriação deste elemento da Cultura Corporal de movimento.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem na definição das lutas questões que tangem as vivências práticas deste tema, como o equilíbrio ou desequilíbrio, técnicas de contusão ou exclusão de espaços, dentre outras:

As lutas são disputas em que o oponente deve ser subjogado, com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade.

Podem ser citados como exemplos de lutas desde as brincadeiras de cabo-de-guerra e braço-de-ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do caratê. (BRASIL 1998, p. 37).

Considera-se viável e pertinente que o professor de Educação Física proponha também discussões sobre os aspectos que permeiam a prática das lutas, como por exemplo: elementos históricos e filosóficos da modalidade, a cultura do seu local de origem, a conduta dos seus praticantes, o respeito ao próximo, as atitudes violentas, dentre outras possibilidades.

Com isso, afirmamos a legitimidade das lutas nas aulas de Educação Física escolar, entretanto, de acordo com alguns autores da área, este tema ainda é pouco explorado por grande parte dos professores.

Segundo CARREIRO (2005), as lutas encontram resistência por parte dos professores, que argumentam sobre a falta de espaço, falta de material, falta de vestimentas adequadas e associação à violência.

Do mesmo modo, DEL VECCHIO e FRANCHINI (2006) consideram que a dificuldade em tratar este tema na escola está relacionada com a formação do

profissional de Educação Física que, em muitos casos, frequenta uma graduação deficiente em relação a este conteúdo, que se restringe à apenas uma modalidade, como o judô ou a capoeira, por exemplo, ou mesmo nem o discute.

NASCIMENTO (2007) afirma que, a inserção das lutas nas aulas de Educação Física se depara com barreiras que prejudicam ou até mesmo inviabilizam seu processo de ensino aprendizagem, como: a falta de vivência pessoal em lutas por parte dos professores de Educação Física, tanto no cotidiano de vida, quanto no âmbito acadêmico e a preocupação com o fator violência, que julgam ser intrínseco a este conteúdo, o que incompatibiliza a possibilidade de sua abordagem na escola.

BETTI, 2009 argumenta que não é necessário que o professor de Educação Física seja especialista em alguma modalidade de luta para ensinar este conteúdo em suas aulas, pois no ambiente escolar a proposta não deve ser formar atletas, mas sim, proporcionar atividades práticas que remetam à Cultura Corporal de movimento, valorizando os aspectos culturais e filosóficos inerentes às lutas.

CARREIRO 2005 ressalta que o professor que não conhece o assunto apropriadamente, pode aprender sobre ele em livros, revistas, internet e até mesmo com os próprios alunos.

Concluimos, portanto, que não é necessário que o professor de Educação Física escolar tenha profundos conhecimentos das lutas para que este tema possa ser abordado nas aulas de Educação Física escolar, mas que por meio de elementos básicos possibilite aos alunos: conhecer, praticar, refletir e discutir este elemento da Cultura Corporal de movimento, desmistificando sua correlação com a violência. Neste contexto, apresentaremos no tópico seguinte, os aspectos históricos e filosóficos do Karatê-Do.

A violência é hoje uma das principais preocupações da sociedade. Ela atinge a vida e a integridade física das pessoas. É um produto de modelos de desenvolvimento que tem suas raízes na história.

A definição de violência se faz necessária para uma maior compreensão da violência escolar. É uma transgressão da ordem e das regras da vida em sociedade. É o atentado direto, físico contra a pessoa cuja vida, saúde e integridade física ou liberdade individual correm perigo a partir da ação de outros. Neste sentido entendemos a violência, enquanto ausência e desrespeito aos direitos do outro.

É importante refletirmos a diferença entre agressividade, crime e violência.

A agressividade é o comportamento adaptativo intenso, ou seja, o indivíduo que é vítima de violência constante têm dificuldade de se relacionar com o próximo e de estabelecer limites porque estes às vezes não foram construídos no âmbito familiar. O sujeito agressivo tem atitudes agressivas para se defender e não é tido como violento. Ele possui "os padrões de educação contrários às normas de convivência e respeito para com o outro." ABRAMOVAY ; RUA (2002)

A construção da paz vem se apresentando em diversas áreas e mostra que o impulso agressivo é tão inerente à natureza humana quanto o impulso amoroso; portanto é necessária a canalização daquele para fins construtivos, ou seja, a indignação é aceita, porém deve ser utilizada de uma maneira produtiva.

O crime é uma tipificação social e, portanto definido socialmente é uma rotulação atribuída a alguém que fez o que reprovamos. Não reprovamos o ato porque é criminoso. É criminoso porque o reprovamos.

LEVISKY (adolescência e violência p. 24 e 25), fala que a Violência pode ser também uma reação consequente a um sentimento de ameaça ou de falência da capacidade psíquica em suportar o conjunto de pressões internas e externas a que está submetida.

Além das dificuldades de definir a violência que ocorre na escola, outra tarefa complexa é identificar, na prática, quais atos devem ser considerados violentos e como podem ser evitados. Nesse sentido, uma boa maneira de efetivar estratégias de ação é pensá-las a partir das diferenças entre os diversos tipos de violência que estão presentes na escola.

CHARLOT (2002) apresenta três tipos distintos: a violência na escola, quando ela é o local de violências que têm origem externa a ela. Por exemplo, quando um grupo invade a escola para brigar com alguém que está nas dependências da escola, nesse caso, a escola é invadida por uma violência que anteriormente acontecia apenas fora de seus portões, ou na rua.

Outro tipo é a violência à escola, relacionada às atividades institucionais e que diz respeito a casos de violência direta contra a instituição, como a depredação do

patrimônio, por exemplo, ou da violência contra aqueles que representam a instituição, como os professores.

O terceiro tipo é a violência da escola, entendida como a violência onde as vítimas são os próprios alunos, exemplificada no tipo de relacionamento estabelecido entre professores e alunos ou nos métodos de avaliação e de atribuição de notas que refletem preconceitos e estigmas, ou seja, outros critérios que não os objetivos de desempenho.

Essa distinção, segundo CHARLOT, é fundamental para se pensar as estratégias de ação, pois se a escola está limitada à adoção de arranjos que impeçam a violência na escola, muitas são as opções e possibilidades de intervenção e prevenção para os casos de violência à escola e da escola.

Há trabalhos que tentam estabelecer uma hierarquia entre as diversas concepções de violência a partir do custo social de cada uma delas. Em primeiro lugar estaria a violência física que compreende os episódios em que há danos à vida dos indivíduos; em segundo, a violência econômica que se refere a danos causados ao patrimônio; e, em terceiro, a violência moral ou simbólica (CHESNAIS, 1981 APUD ABRAMOWAY, 2002).

Apesar dos esforços em trabalhar esses conceitos, a tentativa de delimitar fronteiras às ações violentas que ocorrem no ambiente escolar não deve encobrir as especificidades do fenômeno, isso porque a violência não tem um significado único, mas varia de acordo com o contexto em que ocorre e conforme os atores envolvidos.

Além dessa tentativa de “classificação”, há trabalhos brasileiros e estrangeiros que apresentam um rol de fenômenos que são associados com o intuito de produzir uma explicação para a manifestação da violência na escola, nas suas mais diversas formas. Tais variáveis, externas e internas, envolvem tanto atributos individuais quanto institucionais e ambientais (ABRAMOWAY, 2002).

Entre as causas externas estão: os ideais de gênero, sexíssimo; relações raciais, racismo e xenofobia, migração e conflitos regionais; estrutura familiar dos alunos; influências da mídia; características do ambiente onde a escola está inserida. Quanto às causas internas (aquelas que se originam no interior da escola) essas incluiriam: idade e nível de escolaridade dos alunos; regras, disciplina e o sistema de punições das escolas;

a indiferença dos professores frente a todos os casos de violência, a má qualidade do ensino, carência de recursos humanos e a relação de autoridade entre professores e alunos.

A agressividade é um impulso nato, essencial à sobrevivência, à defesa e à adaptação dos seres humanos (FREUD, 1980). É um elemento protetor que possibilita a construção do espaço interior do indivíduo, promovendo a diferenciação entre o 'Eu' e o 'Outro'. Ao contrário da violência, a agressividade se inscreve dentro do próprio processo de constituição da subjetividade. A transformação da agressividade em violência é um processo ao mesmo tempo social e psicossocial para o qual contribuem as circunstâncias de vida, o ambiente cultural, as formas de relações primárias e comunitárias e também as idiossincrasias dos sujeitos (MINAYO, 2009).

Em COLOMBIER et al.(1989) fala que a violência que as crianças e os adolescentes exercem , é antes de tudo, a que seu meio exerce sobre eles. A criança reflete na escola as frustrações do seu dai-a- dia.

Violência contra o patrimônio - é a violência praticada contra a parte física da escola. "É contra a própria construção que se voltam os pré-adolescentes e os adolescentes, obrigados que seja a passar neste local oito ou nove horas por dia." COLOMBIER et al.(1989)

Violência doméstica - é a violência praticada por familiares ou pessoas ligadas diretamente ao convívio diário do adolescente.

Violência simbólica - É a violência que a escola exerce sobre o aluno quando o anula da capacidade de pensar e o torna um ser capaz somente de reproduzir. "A violência simbólica é a mais difícil de ser percebida ... porque é exercida pela sociedade quando esta não é capaz de encaminhar seus jovens ao mercado de trabalho, quando não lhes oferece oportunidades para o desenvolvimento da criatividade e de atividades de lazer; quando as escolas impõem conteúdos destituídos de interesse e de significado para a vida dos alunos. Segundo esta escrito em (ABRAMOVAY ; RUA , 2002, p.335)." a violência simbólica também pode ser contra o professor quando este é agredido em seu trabalho pela indiferença e desinteresse do aluno.

Violência física - "Brigar, bater, matar, suicidar, estuprar, roubar, assaltar, tiroteio, espancar, pancadaria, neguinho sangrando, Ter guerra com alguém, andar armado e, também participar das atividades das gangues" ABRAMOVAY et al. (1999)

São inúmeros os fatores que podem levar uma criança ou um adolescente a um ato violento.

A desigualdade social é um dos fatores que levam um jovem a cometer atos violentos. A situação de carência absoluta de condições básicas de sobrevivência tende a embrutecer os indivíduos, assim, a pobreza seria geradora de personalidades destrutivas. "A partir desse, de estar numa posição secundária na sociedade e de possuir menos possibilidades de trabalho, estudo e consumo, porque além de serem pobres se sentem maltratados, vistos como diferentes e inferiores. Por essa razão, as percepções que têm sobre os jovens endinheirados são muito violentas e repletas de ódio". ABRAMOVAY et al. (1999) é uma forma de castigar à sociedade que não lhe dá oportunidades.

A influência de grupos de referência de valores, crenças e formas de comportamento seria também uma motivação do jovem para cometer crimes e o motivo pelo qual os jovens aderem às gangues. É a busca de respostas para suas necessidades humanas básicas, como o sentimento de pertencimento, uma maior identidade, autoestima e proteção, e a gangue parece ser uma solução para os seus problemas em curto prazo, assim, o infrator se sente protegido por um grupo no qual tem confiança. Valores como solidariedade, humildade, companheirismo, respeito, tolerância são pouco estimulados nas práticas de convivência social, quer seja na família, na escola, no trabalho ou em locais de lazer. É dentro das gangues ou das quadrilhas que os jovens provam sua audácia, desafiam o medo da morte e da prisão. É uma subcultura criminosa marcada pela atuação masculina (ZALUAR, 1992, p.27).

O indivíduo enfrenta uma grande oferta de oportunidades: o uso de drogas, uso de bebidas alcoólicas, uso da arma de fogo aliada a inexistência do controle da polícia, da família e comunidade tornam o indivíduo motivado a concluir o ato delitivo. "(COLOMBIER, 1989, p.35)".

A Disponibilidade de armas de fogo e as mudanças que isso impõe às comunidades conflituosas, contribuindo para o aumento do caráter mortal dos conflitos

nas escolas. E a falta de policiamento agrava a situação na medida em que a polícia pode ser sinônimo de segurança e ordem ABRAMOVAY; RUA (2002, p.337)

Para se falar na relação entre instinto e Pulsão ou impulso, é importante destacarmos que há importantes e diferentes traduções da palavra alemã *Trieb*, usada por Freud como um dos conceitos básicos da sua teoria. Em inglês essa palavra foi traduzida como *instinkt*, que na língua portuguesa se traduziu como *instinto*. Em Freud, a palavra alemã *Instinktera* usada para designar um comportamento animal, fixado por hereditariedade, característico da espécie, pré-formado no seu desenvolvimento (LAPLANCHE; PONTALIS, 1991, p. 394).

FREUDE, 1996 fala que Pulsão ou Impulso seria então um processo dinâmico que consiste numa pressão ou força que faz o organismo tender para um objetivo, situada na fronteira entre o psíquico e o somático.

Já a agressividade é considerada como uma manifestação não racionalista, um ato natural no indivíduo quando sua sobrevivência está ameaçada. Sendo assim, praticada como defesa para conservar a vida ou sua integridade, bem como para saciar suas necessidades vitais. Por isso, Freud afirma não existir instinto violento e sim um impulso agressivo, presente tanto nos homens como nos animais.

Em FREUDE, 1996 ele fala que no ser humano, a pulsão agressiva coloca-se em oposição aos objetivos da civilização e ocasiona conflito entre as pessoas. Fala que o Superego seria a instância que conformaria o homem a se submeter a lei social por esta ter-se tornado uma lei internalizada por meio dos mecanismos de identificação.

Para Freud, o homem é regido por dois tipos de pulsão: a pulsão de vida, que é representada pela sexualidade e responsável pelas ligações, pelo desenvolvimento e pelo crescimento; e a pulsão de morte, podendo efetuar, de forma silenciosa, um trabalho destrutivo, e que tem sua origem numa necessidade de aliviar as tensões, a pressão que a natureza provoca nos seres.

Nesse sentido, os atos de violência cometidos contra o outro são, na perspectiva freudiana, a expressão mais pura da pulsão de morte. A agressividade é resultado da mistura das pulsões de vida ou sexuais com as pulsões de morte, uma vez que ela necessita de uma ligação com o outro, e indica uma tentativa de expulsão das pulsões de

morte, que, se ficassem somente voltadas para o eu, poderiam realmente levar a autodestruição, conforme expõe Freud (apud PRATA, 2000).

Erich Fromm, ao considerar que o ser humano possui momentos de destrutividade ou construtividade, pende a aceitar a possibilidade de uma sociedade mais consciente e harmoniosa, que inevitavelmente levaria a substituição de um caráter social patológico por outros valores mais construtivos, que colaborariam para uma sociedade mais justa e não negara a importância instintual e passional dos desejos sexuais, entretanto fornecera uma visão mais humanista e social a essas pulsões, defendendo não existir qualidades boas ou más, inatas no ser humano. Propõe também a existência de uma agressividade instintual na natureza, que se torna condição essencial para sua própria sobrevivência.

Quanto à violência, entende-se como varias formas de comportamento, ativo ou passivo, motor ou verbal, que visam prejudicar direta ou indiretamente alguém.

Em PEREIRA (1975), fala que a violência tem conotação tanto física quanto primordial. Assim, a violência é uma expressão essencialmente humana, de caráter histórico, que lhe concede a condição de ser universal e específica nas variadas formas de organização social, uma vez que sempre esteve presente nas diferentes sociedades, com a sua concretização em eventos específicos inerentemente ligados ao modo como os homens se organizam em sociedade.

Assim não devemos confundir violência e agressividade, principalmente no âmbito das relações sociais, pois se pode incorrer o erro de se considerar a violência como um fato espontâneo e presumível do ser humano, isto é, um comportamento natural.

O que se pode concluir e entendermos a agressividade como forma de o ser humano se auto-preservar, defender-se e buscar a satisfação de suas necessidades, enquanto a violência advém de uma desorganização patológica dessa instancia. No entanto, não se pode simplesmente afirmar que a violência seja algo apenas patológico, uma vez que a busca pela satisfação pessoal faz com que a moralidade seja dissolvida e princípios ético-morais sejam negligenciados. Assim, podemos atribuir a diversos fatores de ordem econômica, social, cultural e psicológica o advento e aumento da violência.

Há muito se sabe que o ambiente escolar, que deveria ser um ambiente imune às influências externas negativas da sociedade, não tem cumprido o que dela se espera. É cada vez mais comum que professores e alunos sejam vítimas de agressões físicas e morais resultantes de um desequilíbrio social, em que a violência tem sido cada vez mais intensa.

A escola, por excelência o local dedicado à educação e à socialização da criança e do adolescente transformou-se em cenário de agressão, autoritarismo e desrespeito mútuo. São lições que jamais poderiam estar cartilha. (ABRAMOVAY, 2006, p. 29).

Existe uma relação considerável entre a violência social e aquela praticada dentro dos muros da escola. A escola tem sido o retrato da vida em sociedade ao considerar que alunos e até professores apenas expressam no ambiente escolar fragmento de uma realidade vivida, quase sempre, oriunda de uma rotina social.

O cenário da sociedade em que vivemos tem como umas das principais características o alto índice de violência. Considerar as causas de tal realidade no ambiente escolar requer uma análise de tudo o que compõe a vida de professores e alunos. Discussões familiares, cenas de agressão física, desrespeito e mau uso do diálogo aberto, com xingamentos ou palavras ofensivas constantemente vivenciadas e presenciadas através da mídia, na comunidade e até mesmo em casa acabam por serem naturalizadas no meio social; razão pela qual essas atitudes são refletidas também nas escolas.

Atualmente o ambiente escolar é visto por muitos pais e familiares como o único espaço dedicado ao conhecimento de direitos e deveres e à prática da educação. No espaço familiar quase não se impõe limites em crianças e jovens.

Com a liberdade de satisfazer suas próprias vontades sem qualquer orientação de boa conduta, o público jovem acaba sendo espelho do próprio ambiente de origem, quase sempre fazendo parte de uma rotina em que se desconhece que a educação começa em casa. A ausência do acompanhamento da família é um fator agravante.

Em (COUTO, 2008, p. 37), está escrito que os pais não têm como acompanhar os filhos devido ao fato de trabalharem, ou muitas vezes não se importarem com eles.

Os meios de comunicação também têm contribuído para a proliferação da violência na vida de crianças e adolescentes, pois apresentam frequentemente cenas de agressão física e moral como se fosse normal a sua prática na sociedade.

Além de influenciar comportamentos, esses meios contribuem concretamente para a construção da identidade desse público. Tendo em vista que os pais geralmente não se preocupam em controlar os conteúdos a serem vistos na TV, internet e outros meios, essas crianças e jovens “não têm sequer na família modelos positivos para se espelhar” (ABRAMOVAY, 2006, p. 72).

Desmotivados com tal situação, os professores também são vítimas da agressão de alunos, chegando dessa forma, ao descontrole emocional. Sem qualquer orientação ou especialização pedagógica, muitos educadores são submetidos a humilhações pelos alunos que, especificamente em escolas particulares, são tratados como clientes, o que faz com que eles se sintam no direito de fazer o que bem entender.

6 - DIFICULDADES ENFRENTADAS EM SALA DE AULA

Controle de classe, ensino aprendizagem, dinamismo e domínio de conteúdos. Muitas são as atribuições dadas ao professor e muitos são os desafios enfrentados em sala de aula. De fato não é fácil exercer uma profissão tão importante para a formação de pessoas e ao mesmo tempo tão pouco valorada pela sociedade. E as dificuldades tendem a aumentar ainda mais quando crianças e adolescentes chegam às escolas sem qualquer formação familiar.

A mídia mostra, constantemente, lamentáveis acontecimentos em escolas da rede pública e privada em todo o Brasil. Desde palavras ofensivas até a violência física seguida de morte tem agravado o cotidiano de muitas instituições de ensino. O resultado de tal fatalidade se reflete numa educação defasada, já que o despreparo de professores em meio ao enfrentamento de tais situações também é um agravante.

Em RUOTT (2009, p. 9) está escrito que “faltam instrumentos pedagógicos nas instituições de ensino que amenizem essa realidade. Há também um problema de má formação de professores, o que é muito grave”.

O fenômeno da violência nas escolas não se limita apenas em agressões entre alunos e entre alunos com professores. Muitos educadores em quadros depressivos ou até mesmo por falta de vocação acabam também se tornando vilões em sala de aula.

A imposição de tarefas e obrigações, a serem cumpridas cegamente, sem o entendimento de suas razões, além de deseducar, estimula a resistência e revolta afirma Pillet, (PILLET, 2007, p. 134). Esta, pois, é uma grande dificuldade vivenciada por muitos alunos. Os professores são vistos como referência por essas crianças e jovens que já trazem em sua bagagem péssimas experiências relacionadas ao desrespeito humano.

Em CHARLOT, 2005, p 128, está escrito que;

É uma ilusão acreditar que se possa fazer desaparecer a agressividade e, como consequência a agressão e o conflito [...], isso significa que o problema não é fazer desaparecer da escola a agressividade e o conflito, mas regulá-los pela palavra, e não pela violência.

Ameaças, promessas explícitas de provocar danos ou de violar a integridade física ou moral, xingamentos e provocações, conhecidas como Bullying, tais expressões de perversidade entre os alunos também se tornaram comuns num espaço em que até então deveria ser campo específico de educação. Essa consiste uma das causas que geram violência e, como consequência, os professores acabam tendo dificuldade em lidar com tal situação já que a maioria desses alunos não aceita a imposição de normas ou orientações a serem cumpridas.

Em SANTOMAURO, 2010 p 68, está escrito que a principal característica do Bullying “é que a agressão (física, moral ou material) é sempre intencional e repetida várias vezes sem uma motivação específica”. Proporcionar aos educadores uma reflexão voltada ao saber lidar com a violência pode ser uma alternativa favorável ao exercício da cultura de paz. E é onde entra a prática do karatê-Dô.

Segundo afirma ABRAMOVAY (2006), outra manifestação é definida como abuso sexual. Olhares, gestos, piadas, comentários obscenos e exhibições são as diversas formas de intimidação sexual, assim como os abusos (insinuações, propostas a contatos físicos). Essas situações comprometem o desempenho do papel do professor e do aluno, dificultando a imposição do respeito em sala de aula.

Ocorrendo entre os alunos e, quase sempre, comprometendo professores, tal fatalidade tem feito parte da realidade de muitas instituições, dificultando também a confiabilidade dos pais para com as escolas.

Como se não fossem suficientes às modalidades de violência até então abordadas, existe um fator ainda mais preocupante no cotidiano das escolas: a facilitação do acesso às armas que lamentavelmente crianças e jovens passaram a ter nas últimas décadas.

Alguns justificam o porte como necessidade de impor respeito, proteger e defender-se, afirma ABRAMOVAY (2006). Como resultado, professores e alunos enfrentam o medo e o drama de estar em contato com o perigo na própria sala de aula.

A questão da violência dentro das escolas prejudica o aprendizado, a socialização e contribui na propagação de distúrbios psicológicos em muitos professores e alunos.

Embora não existam ideias prontas, a experiência dos professores aliada ao conhecimento e prática dos direitos e deveres de cada cidadão e uma boa prática esportiva como o karatê-Dô pode ser uma alternativa de combate à violência nas escolas.



FIGURA 5

As formas de autodefesa são, provavelmente, tão antigas quanto a humanidade. De acordo com BARREIRA (2002), são tidas como praticas corporais e culturais, carregadas de significados construídos historicamente, e que estabelecem relações constantes com as sociedades onde se inserem, buscando um equilíbrio essencial para o desenvolvimento integral do individuo.

Algumas manifestações de lutas/artes-vias marciais passaram pelo processo esportivo na modernidade. Para BRACHT (1997), ELIAS e DUNNING (1992), o esporte passa a ter a função de atenuar e desviar as tensões sociais. A agressividade ativa de origem social e transferida para ações esportivas, não acometendo as verdadeiras causas, e sim direcionadas ao agir agressivo nas competições esportivas.

Essa pratica são, inevitavelmente, correlacionadas a violência. Isso não quer dizer que não haja outros motivos que influenciem na desfiguração das lutas, que inicialmente estavam relacionadas com o desenvolvimento de técnicas de autoproteção e combates, tornando-se posteriormente uma forma de ascensão espiritual. Assim, o processo de esportivo das lutas/artes-vias marciais ocorre de acordo com as transformações da modernidade, com o avanço do capitalismo e a apropriação dessas praticas corporais pela indústria cultural.

As lutas esportivas apresentam parcialmente algumas de suas características fundamentais, como o desenvolvimento de técnicas de combate para sobrepujar o adversário. No entanto, esse processo também resinifica algumas lutas japonesas, uma vez que sua essência e pautada numa compreensão mais ampla sobre a formação de um sujeito, pensamento este advindo e influenciado pela religiosidade e espiritualidade presente na própria nação japonesa.

São cinco os mandamentos do Karatê-Dô: a formação do caráter do praticante, a sabedoria e o senso de justiça, a formação ética na produção de resultados, a formação do respeito à hierarquia e às regras sociais e a reprovação dos atos de violência. Mesmo reconhecendo a importância de todos os mandamentos no que tange à formação global do praticante do Karatê, consideraremos apenas o quinto, a reprovação dos atos de violência, por ser o mais relevante a respeito do presente estudo.

SANTOS (2005, p. 6) aponta a seguinte interpretação:

Pronúncia em japonês: Hitotsu. Kekki no Yu o ImashimuruKoto. Em português: Sempre Conter o espírito de agressão destrutiva. O Karatê-Dô cultua a não agressão destrutiva. Trabalha-se o controle da agressividade, redobrando-se o cuidado nos treinos e atividades, colocando o estado de atenção não apenas conosco, mas também com o outro. Respeitando-se sempre a dignidade de todo ser humano.

Para que o controle acima mencionado esteja sempre presente nas atividades voltadas para a prática dessa arte marcial, as suas regras impõem um rígido controle. Além do código de ética do Karatê shotokan, o Dojô Kum, a modalidade também possui os regulamentos da Federação Mundial de Karatê – WKF e os da Confederação Brasileira de Karatê – CBK, além das Federações Estaduais e diversas Associações. As punições para ações como violação premeditada, desrespeito ao professor ou conduta agressiva, associadas ou não às atividades ligadas ao Karatê, podem ir da advertência verbal à exclusão, conforme podemos perceber nas regras estabelecidas pelas entidades acima citadas.

Além desse controle feito pelas regras e pelo código de ética do Karatê-Dô, esta modalidade apresenta, como uma de suas características, a disposição evidente em assegurar que o comportamento agressivo não é tolerado, punindo os seus praticantes que agem de maneira agressiva (WIDMEYER apud WEINBERG; GOULD, 2008).

É importante ressaltar que essa punição não revela a consciência de estar lidando com um culpado, mas sim, com um causador de danos. No entendimento de Nietzsche (2009, p. 64), isso nos leva à reflexão de que “o castigo teria valor de despertar no culpado o sentimento de culpa”. Santos (2005) observa, ainda, que o adversário jamais deva ser tratado como um inimigo, e que qualquer abuso verbal ou contato que cause dano à integridade física a este é motivo suficiente para a aplicação das sanções presentes nas regras oficiais. Percebendo ainda a preocupação com que o Karatê sempre teve com o comportamento agressivo, Funakoshi (2005), em seus princípios fundamentais do Karatê, observa que essa arte marcial não deve ser usada injusta ou inadequadamente.

Seus praticantes devem permanecer do lado da justiça em todas as ocasiões e apenas em situações em que não haja outra escolha devem expressar a sua força pelo uso das mãos e dos pés como armas (FUNAKOSHI, 2005, p. 30).

A formação do Karatê baseia-se na experiência de esvaziamento que, gradativamente, o praticante deve fazer (BARREIRA, 2006).

O mesmo autor observa que, de acordo com o relato de diversos mestres, invariavelmente, o principiante compreende o Karatê como uma possibilidade de fortalecimento que o leva a ir ao encontro com situações de agressividade e violência, concepção que não costuma suportar alguns anos de prática. Esses mesmos mestres observam que o praticante se coloca entre duas claras alternativas, que é a transformação dessa concepção ou o abandono do Karatê. Funakoshi (1994, p. 112 apud BARREIRA, 2006, p. 111) observa que, acerca disso:

Sempre há aqueles que têm como desejo único aprender Karatê para utilizá-lo numa luta. Esses quase inevitavelmente abandonam o curso, porque é quase impossível que qualquer jovem com objetivo tão tolo continue por muito tempo no Karatê.

Para BARREIRA (2006), a partir do momento em que o praticante do Karatê enfatiza a agressividade durante o kumitê, isso implica poucas condições de controle, tanto no plano pessoal como no interpessoal. O tempo de prática, bem como certa quantidade de kumitês assumem a condição de estabelecer a necessidade de reflexão acerca disso.

Por meio dessas observações, percebemos que o professor, amparado nos próprios conceitos filosóficos do Karatê, pode cumprir importante papel no que tange à percepção de comportamentos que, caracterizados pela agressividade, apresentam sérios problemas ao desenvolvimento biopsicossocial do praticante.

Diante disso, notamos a necessidade do professor em assumir o compromisso de, ao observar tais comportamentos, não abrir mão da sua responsabilidade de indicar os rumos que se deseja para uma sociedade mais justa e com igualdade de oportunidades, o que certamente, a prática consciente de uma modalidade como o Karatê contribuirá de forma positiva se for aplicada de maneira coerente.

A prática pedagógica do karatê proporciona uma gama de benefícios no desenvolvimento de nossos alunos, um destes é a melhora das relações que hoje aflige o interior das escolas. A violência em suas diversas faces é um fenômeno corrente dentro da rotina escolar e cabe ao professor um direcionamento para a resolução desse grande impasse que aflige esta instituição.

As mudanças negativas no modo de socialização de forma geral, e a escola sendo um meio social, necessitam estar atenta às imagens e aos protagonismos dessa comunidade. A violência se tornou um fenômeno avassalador, as relações comumente são baseadas na promoção da falta de respeito para com o próximo. Com isso, torna-se necessário um processo reflexivo onde os agentes externos e internos deste fenômeno sejam repensados.

A escola como instituição deve proporcionar oportunidades de vivências de construção e adequação voltada às emergências que a sociedade anseia. Através da prática contextualizada pode-se promover o resgate das relações humanas atualmente deturpadas. Para isso, se faz necessário um repensar sobre a importância de práticas vinculadas a reflexividade no tocante a abrangência da violência.

Aspectos relacionados às práticas reflexivas devem fazer parte do profissional atento às emergências de valores que podem ser trabalhadas com o direcionamento adequado da modalidade. O karatê é uma dessas possibilidades a ser tratado nas aulas e sua prática bem orientada pode ter um enorme poder de contextualização da temática da violência dentro das escolas.

A partir da vivência com a modalidade enquanto cultura corporal, os alunos podem conviver com rotinas baseadas na modalidade que influenciaram de forma positiva as relações desta com o meio em que vive. Sendo assim, o karatê é uma excelente ferramenta, na efetivação dos processos educativos relacionadas à construção de um ambiente harmonioso e, livre das múltiplas formas de violência.

Os adolescentes e os jovens são muito beneficiados pelo karatê, por que incute valores éticos, morais e efetivos, que, neste segmento etário é primordial.

Segundo SUN TZU, *A Arte da Guerra*, “quando se conhece o inimigo e a si mesmo não se corre perigo, nem em uma centena de batalhas” (apud FUNAKOSHI, 2005). A afirmação anterior, utilizada em textos de artes marciais, tem sido empregada em livros de autoajuda para desenvolver a autoestima dos leitores. Muitos dos quais procuram nas artes marciais confiança para viver nas grandes metrópoles.

No contexto das artes marciais é ensinado muito mais do que somente autodefesa. Indivíduos que treinam karatê, com o passar do tempo, têm propensão a melhorar seu autocontrole e diminuir a sensação de vulnerabilidade (MADDEN, 1995)

e ansiedade (FOSTER, 1997). Sugere-se que no aprendizado dos katas do estilo Shotokan, o predomínio de movimentos lentos nas formas mais avançadas, aumenta a concentração, refletindo melhora na precisão e execução das técnicas. Isto se reverte ao longo de anos de prática ininterrupta, não só em benefícios físicos, como também mentais (RAGLIN, 1990; DANIELS; THORNTON, 1992).

A educação oriental caracteriza-se, entre outras coisas, por não se fundamentar apenas na instrução, mas envolve o aspecto ético, moral, e o aspecto afetivo.

Ao mesmo tempo em que o karatê é uma arte bélica, ele incute valores afetivos de irmandade, de fraternidade, de vida. Estes valores obedecem a uma regra principal que é fomentar o bem. Então o karatê é uma visão muito altruísta nas relações interpessoais.

7 - ABORDAGENS

7.1 - Abordagens Críticas Superadoras

O Coletivo de Autores (1992) compreende a pedagogia como produto da realidade social de um determinado tempo. Ela vem trazer respostas aos anseios que esta sociedade esta vivendo nas suas diferentes épocas. Não é algo permanente, mas está em constante transformação, a fim de suprir as necessidades desta sociedade.

O Coletivo de Autores (1992, p.23) diz que “nas sociedades de classe, como é o caso do Brasil, o movimento social se caracteriza, fundamentalmente, pela luta entre as classes sociais a fim de afirmarem seus interesses”.

No que diz respeito ao currículo escolar, ele representa o percurso do homem no seu processo de apreensão do conhecimento científico selecionado pela escola. Não bastam que os conteúdos sejam ensinados, eles devem se ligar de forma indissociável a sua significação humana e social.

Os pólos constitutivos de sua dinâmica curricular são: o trato com o conhecimento, a organização escolar e a normatização escolar.

No que diz respeito aos princípios curriculares no trato com o conhecimento o Coletivo de Autores (1992) dentro da perspectiva crítico superadora aponta para a

relevância social do conteúdo que implica em compreender o sentido e o significado do mesmo para a reflexão pedagógica escolar. Este deverá estar vinculado à explicação da realidade social concreta e oferecer subsídios para a compreensão dos determinantes sócio histórico do aluno, particularmente a sua condição de classe social. O NOVO, o que fará a educação do futuro?

Para MORIN (2000): “O surgimento do novo não pode ser previsto, senão não seria novo. O surgimento de uma criação não pode ser conhecido por antecipação, senão não haveria criação”. O autor ainda diz ser o futuro o reino das incertezas, mas incertezas que constituem também o presente, uma vez que cada uma de nossas ações desencadeia outras tantas imprevisíveis. O que denomina de ecologia da ação.

Toda ação que empreendemos tem desdobramentos que escapam ao nosso controle. Previsto e imprevisito, determinação e acaso, esperada e inesperada, reta e desvios se mesclam numa interação complexa que nos impede de predizer o resultado final.

A educação do futuro ensinará que toda a ação é um jogo de inter-retroações entre o sujeito e o contexto, o sujeito e outros sujeitos, assim como ensinará que para jogarmos esse jogo, com suas probabilidades e improbabilidades, deveremos desenvolver habilidades cognitivas que possibilitem um pensamento criador de estratégias. Devemos renunciar ao programa fechado e privilegiar a estratégia que analisa as condições de cada situação e possibilita a flexibilidade para mudanças e correções de curso durante as ações empreendidas.

A estratégia considera as mudanças de contexto, os imprevistos, as mudanças de objetivos a curto, médio e longo prazo e, se necessário, até a destruição da própria ação quando essa se mostrar perigosa nos seus desdobramentos.

Ensinar a compreensão, eis, para MORIN, a missão espiritual da educação. Vivemos um terrível paradoxo: no momento histórico em que o mundo mais se comunica - redes, fax, telefone celular e via satélite, modem, internet, canal a cabo e via satélite -, menos nos compreendemos.

A comunicação não implica necessariamente compreensão. A educação do futuro deverá ensinar a compreensão mútua como condição e garantia da solidariedade humana. Estimular a compreensão intelectual ou objetiva - apreender intelectualmente

em conjunto, abraçar juntos as partes e o todo - e a compreensão humana intersubjetiva - que envolve a empatia, a identificação e a proteção do outro, que é também sujeito e humano.

A incompreensão, que é sentimento corrente hoje em todas as sociedades, tem suas raízes que vão do mal-entendido ou o não entendido - “ruídos” na comunicação - de uma informação, passando pela ignorância dos ritos e costumes de outras culturas, dos códigos de ética e dos valores, das visões e concepções de mundo - cosmovisões incompatíveis -, das opções políticas de outras sociedades até pela total impossibilidade de entendimento de uma estrutura mental diferente.

Os sentimentos e as posições contrárias à compreensão são, dentre outras: o egoísmo e o egocentrismo, o etnocentrismo e sociocentrismo, o espírito frio e redutor - que reduz, no caso dos seres humanos, o indivíduo a um de seus comportamentos, a uma de suas qualidades ou a um de seus defeitos: o ladrão é só ladrão, o pobre é só pobre, etc. - e o paradigma simplificador que comanda o pensamento, a lógica, o discurso, os conceitos, o raciocínio, o pensamento e os princípios de disjunção e redução que destroem as totalidades complexas, do qual já nos ocupamos acima.

A compreensão requer a consciência do ser humano como um ser infinitamente complexo. A educação do futuro deverá reformar o pensamento dominante que opera por fechamento, simplificação, isolamento e introduzir o pensamento e o entendimento que trabalha na (e através da) complexidade.

7.2 - Abordagens Críticas Emancipatórias

A racionalidade implica o esclarecimento sempre no sentido da comunicação, ou seja, racionalidade comunicativa.

Devemos pressupor que a educação é sempre um processo em que se desenvolvem ações comunicativas. O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica.

HABERMAS (and apud KUNZ, 2001) define racionalidade como uma disposição que sujeitos com capacidade de agir e falar apresenta manifestando as diferentes formas de comportamento, para os quais se encontram sempre bons motivos. Entre estas, a maioria ou emancipação devem ser colocadas como tarefa fundamental da educação implicando principalmente num processo de esclarecimento racional e se estabelecendo em um processo comunicativo.

O ensino na concepção crítica - emancipatória deve ser um ensino de libertação de falsas ilusões, de falsos interesses e desejos, criados e construídos nos alunos pela visão de mundo que apresentam a partir de conhecimentos colocados a disposição pelo contexto sociocultural onde vivem.

Kant (apud KUNZ, 2001) indagou que o esclarecimento é a saída à libertação do homem de seu estado de menoridade intelectual voluntária adquirindo a falta de poder ou de capacidade de agir sem ajuda ou orientação de alguém.

Essa situação se agravou nas sociedades atuais, especialmente sobre os jovens, pelo excesso de tutores e vigilantes.

Notadamente que o esporte, para ser praticado nos padrões e nos princípios de alto rendimento requer exigências de que cada vez menos pessoas conseguem dar conta, mesmo assim ele é modelo que todos querem seguir, mas sem deixar a coerção auto-imposta tomar conta do processo.

Em uma instituição repressiva como o esporte, a libertação de uma coerção auto-imposta implica, para uma pedagogia crítico – emancipatória, formando um novo tipo de coerção proposto pelos professores. Para que os alunos possam se libertar desse comodismo da menoridade voluntária, o professor deveria exigir que os alunos lutassem contra a falsa consciência e as ilusões objetivas do esporte, assim, compreendendo o esporte nos seus múltiplos sentidos e significados para nele poder agir com liberdade e autonomia além da capacidade objetiva de saber efetivamente praticar o esporte também a capacidade da interação social e comunicativa.

Em lugar de ensinar os esportes na Educação Física Escolar pelo simples desenvolvimento de habilidades e técnicas do esporte, numa concepção crítico – emancipatória, deverão ser incluídos conteúdos de caráter teórico – prático que além de tornar o fenômeno esportivo transparente, permite aos alunos melhor organizar a sua

realidade de esporte, movimentos e jogos de acordo com as suas possibilidades e necessidades.

8 – METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido através de pesquisa de autores, que falam sobre a temática do desenvolvimento da criança através das brincadeiras, jogos lúdicos e lutas de karatê-Dô. Utilizando pesquisas em livros e artigos que serviram como objeto de análise e reflexão crítica.

Pela utilização dos métodos comparativos abriu-se possibilidade de contrapor vertentes teóricas diferentes que deram condições de reflexão a validades das linhas de pensamento dos autores. Com vista ao desenvolvimento e transformação da realidade.

Com essas reflexões deu para entender que dentre as produções da cultura corporal, algumas foram incorporadas pela Educação Física em seus conteúdos: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta.

Estes têm em comum à representação corporal, com características lúdicas, de diversas culturas humanas; todos eles resinificam a cultura corporal humana e o fazem utilizando uma atitude lúdica. Trata-se, então, de localizar em cada uma dessas manifestações (jogo, esporte, dança, ginástica e luta) seus benefícios fisiológicos e psicológicos e suas possibilidades de utilização como instrumentos de comunicação, expressão, lazer e cultura, e formular a partir daí as propostas para a Educação Física escolar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) focalizam em seu texto, a importância de trabalhar as artes marciais nas escolas como meio incentivador e motivador da criança, valorizando os conceitos de amizade, solidariedade, respeito, confiança e autocontrole e, acima de tudo, valorizando os aspectos afetivos, cognitivos e motor. Trabalhando esses conceitos, as artes marciais podem ser peças fundamentais no processo de ensino aprendizagem do aluno, para que o mesmo possa ter um bom desenvolvimento durante as aulas.

Ao contrário do que pensa a maioria da sociedade, os esportes de combate, onde o karatê-Dô se situa, mostra um grande potencial didático e pedagógico que são

ferramentas efetivas para o desenvolvimento sócio afetivo e perceptivo-motor das crianças e adolescentes.

Na estrutura dos jogos de combates desenvolvem aspectos importantes na formação de crianças e jovens, como por exemplo, percepção, noção de distância, ritmo e a autoconfiança.

Os jovens são beneficiados pelo karatê, por que ensina valores éticos, morais e afetivos, que nessa faixa-etária é importantíssimo. Ao mesmo tempo, em que o karatê é uma arte bélica (de guerra), ele encurte valores afetivos de irmandade, fraternidade, de vida. Estes valores seguem a uma regra principal que é praticar o bem. O karatê é uma visão muito altruísta (que ama os outros) nas relações interpessoais.

Assim, abordo neste trabalho o pensamento dos pesquisadores em pedagogia do esporte, a respeito da iniciação nas lutas, que pode ocorrer em qualquer fase, porém, quanto mais cedo melhor, e a especialização esportiva precoce, que acreditamos não ser sinônimo de sucesso futuro no esporte, já que o ideal é o processo de treinamento em longo prazo.

Concluindo esta etapa do trabalho, espero conseguir passar a importância da iniciação nas lutas, a qual pode começar nas diferentes fases de desenvolvimento; contudo, quanto mais tardia, maior será a lacuna de experiências motoras que não foram aprendidas, comprometendo a base dos movimentos na aprendizagem da luta como no dia-a-dia do ser humano, levando-o a ter dificuldades em aprender novas habilidades complexas.

9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a construção da pesquisa verificou-se a possibilidade real da execução de atividades do karatê-Dô, bem como seus benefícios, nas unidades escolares e demais entidades de formação de crianças, adolescentes e até mesmo adulta. Traduz-se nos resultados obtidos a determinação docente em concretizar o Karatê-Dô, tal como o aprimoramento que este esporte exige para ser repassado aos educandos.

Com a ausência da diversidade de conteúdos junto à Educação Física, percebe-se a importância de uma visão eminentemente biológica de corpo, excluindo toda a rede de

significados, sentidos, expressividade, sensibilidade, comunicação, inerente ao ser humano.

As evoluções e modificações técnicas se confirmam, assim como a importância que os praticantes ainda hoje dão a valores que vão além da prática esportiva, graças à divulgação de seu trabalho. Todavia, com a internacionalização, esses valores que fazem a essência do Karatê-Dô diluíram-se e se descaracterizaram na medida em que foram recortados do contexto cultural em que se inseriam.

A prática do Karatê-Dô sofreu uma grande mudança para sua adaptação ao mundo moderno e globalizado, a sua técnica e seu significado é bastante denso e profundo, chegando a atingir um estado de ausência, onde pensa vivenciar este momento, o seu combate é um estado de espírito onde os movimentos são feitos de forma natural.

O Karatê-Dô busca obter equilíbrio mental e desempenho corporal e também a interação social, bem como controlar os nossos instintos para melhor viver em sociedade.

O Karatê-Dô é nobre na prática assim sendo, não se pode usá-lo para agressividade, pois esse esporte tem os movimentos sistematizados. Essa luta oportuniza a quem vivencia a ter domínio do seu corpo na coordenação, na força, na velocidade e elasticidade, bem como potencializa a criatividade e das condições de se aperfeiçoar constantemente. Ao buscar esses conhecimentos, este trabalho veio esclarecer que o Karatê-Dô, pode ser desenvolvido como uma possibilidade pedagógica norteada por tendências críticas.

Esta linha de concepção tem que ser reflexiva, procurando fazer uma leitura da realidade com o seu discurso, buscando sempre observar as diferenças do indivíduo.

Quando se desenvolve uma prática educacional tendo as aulas de Educação Física como meio e/ou fim, se busca resolver os conflitos que se apresentam no dia a dia, porque esta pedagogia crítica tem como ponto de partida as crises originadas pela sociedade. Ao refletir as crises, faz-se necessário fazer um diagnóstico da realidade vivida, buscando esclarecimento e problematizando, para poder no conjunto tomar uma direção. O trabalho deixa claro que o profissional de Educação Física, deve estar consciente das ações, bem como ter um conhecimento mais amplo em nível político, econômico e social, para diminuir as diferenças de classe.

Com a realização deste trabalho, os autores pesquisados mostraram a relevância da reflexão. Não basta somente o acadêmico fazer uma leitura da história da Educação Física e tendências, mas sim buscar a complexidade de como as escolas se desenvolveu.

No entendimento das leituras, só há construção de uma nova forma de viver se quem educa passa a desconstruir a forma como o espaço escolar é produzido nas relações de poder para manter uma sociedade presa a interesses somente para reprodução do conhecimento.

Decorrente do trabalho percebeu-se que, o Karatê-Dô para ser desenvolvido na área educacional, tem que fazer parte de um processo que é o Projeto Político Pedagógico, subsidiado por um planejamento que busque diagnosticar quem são esses adolescentes que frequentam a escola, sua história e a sua cultura, bem como ter sabedoria para que junto aos estudantes, estes possam ser sujeitos críticos, refletindo sobre as contradições existentes e acima de tudo superando os entraves que a sociedade capitalista nos impõe.

Para aprender a realidade tal qual ela é verdadeiramente, é preciso que haja um desprendimento mental. O karatê-Dô pode, através do treinamento, desenvolver a correta compreensão da realidade. Essa dita liberdade pode ser expressa na luta e se da em dois âmbitos, o do pensamento e o da emoção. Experimentar em treinamentos dificuldades físicas e agonia, enfrentando-as e superando-as, favorece enfrentar semelhantes experiências com mais facilidade em ocasiões diferentes. Esse é o modelo mais demonstrativo do valor de manter-se preparado e em constante aperfeiçoamento.

A busca da perfeição durante a execução das técnicas de karatê-Dô leva a uma busca da perfeição na realização de outras atividades do dia-a-dia da criança, assim hábitos e atitudes desenvolvidas são levados como modelo de comportamento em casa, na escola e no meio social.

Portanto, deve-se trabalhar diversificadas formas de ensinar na escola, e o karatê-Dô é uma delas, nas quais os alunos podem desenvolver todo o seu potencial de forma prazerosa, tendo uma forma correta de respiração e utilização do seu corpo, produzindo uma série de benefícios à saúde do praticante, além do desenvolvimento sócio emocional, muito importante, em especial à criança em fase de crescimento.

10 - REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; **AVANCINI**, Marta; **OLIVEIRA**, Helena. Violência nas escolas.

ALMEIDA, G.P. Teoria e prática em psicomotricidade: jogos, atividades lúdicas, expressão corporal e brincadeiras infantis. RJ: Wak Ed. 6 ed. 2009. 160p.

ARENA, Simone Sagres. Especialização esportiva: aspectos biológicos, psicossociais e treinamento em longo prazo. Corpo consciência, Santo André: Faculdade de Educação Física de Santo André, n.º 01, 1998. p.41-54

ASSIS, SG. and **MARRIEL**, NSM. Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola. In: **ASSIS, SG.**, **CONSTANTINO, P.**, and **AVANCI, JQ.**,orgs. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010, pp. 41-63. ISBN 978-85-7541-330-2. Available from SciELO Books .

BALBINO, Hermes Ferreira. Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas: bases para uma proposta em pedagogia do esporte.(Dissertação de Mestrado) Campinas: FEF/UNICAMP, 2001.

BETTI, Irene C. R. - Esporte na escola: mas é só isso, professor? *Motriz*, Rio Claro, v.1, n.1, p.25-31, 1995.

CADERNOS UniFOA Edição nº 16 - Agosto/2011

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

COUTO, Maria Aparecida Souza. Violência e gênero no cotidiano escolar: estudo de caso em uma escola da rede pública estadual sergipana. São Cristóvão: UFS, 2008.

DANIELS, K.; THORNTON, E. Length of training, hostility and the martial arts: a comparison with other sporting groups. *Brit. J. Sport Med.* [S.I.], v. 25, n. 3, p. 118-120, 1992.

FIGUEIREDO, A. A. *Os deportes de combate nas aulas de Educação Física.* Horiz.1998.

FONSECA, Vitor da. Da filogênese à ontogênese da motricidade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. 309 pp.

FONSECA, Vitor da. Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2008

FONTES, Martins. A criança dos 5 aos 10 anos: Arnold Gessel. São Paulo: Livrarias Martins Fontes, 1987. 403p.

FOSTER, Y. A. Brief aikido training versus karate, and golf training and university student's scores on self-esteem, anxiety, and expression of anger. *Perc. Motor Skills* [S.I.], v. 84, p. 609-610, 1997.

FROTA, MARCOS ALRELIO- Karate Esportivo- Conhecimentos Gerais- fortaleza, Março de 2013- Marco Frota – marco.frota@karateclubekiai.com.br - kck@karateclubekiai.com.br - www.karateclubekiai.com.br.

FUNAKOSHI, G. *Vinte Princípios Fundamentais do Karatê: O Legado Espiritual do shotokankaratekata* set. *Perc. Motor Skills* [S.I.], v. 84, p. 1009-1010, 1997. *Mestre*. Pensamento - Cultrix, 2005.

GALLAHUE, David L. & OZMUN, John, C. Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, Adolescentes e adultos, 2001, pg. 14 A 23.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. O que é pedagogia. 3ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

GO TANI; KOKUBUN, Eduardo; De Proença, José Elias. Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU, 1988.

GOERGEN, Pedro. Educação do Homem integral. In: Valente, Márcia Chaves. Pedagogia do movimento: diferentes concepções. Maceió: EDUFAL, 1999.

Habermas (and apud KUNZ, 2001);

<http://livraria.imprensaoficial.com.br/media/ebooks/12.0.813.588.pdf> Violência na Escola: Um Guia para Pais e Professores/ Ruotti, Caren Violência na escola : um guia para pais e professores / Caren Ruotti, Renato Alves, Viviane de Oliveira Cubas. – São Paulo : Andhep : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, pg 27 a 29.

<https://books.google.com.br/> 13 de setembro às 19 horas.

JARDIM, Marta Lima. Princípios e exercícios úteis na elaboração da preparação física para o karatê: especialmente quanto a força. Campinas – SP: Monografia (Bacharelado) FEF/UNICAMP, 1994. Kant (apud KUNZ, 2001);

KOWALSKI, Marizabel. Especialização precoce e o contexto social no abandono do esporte pôr jovens campeões de atletismo. Piracicaba, (Dissertação Mestrado), UNICENTRO/UNIMEP, 1995.

KUNZ, Elenor. Transformação didático pedagógica do esporte. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.

LAYTON, C.; **BELL**, V. C. F. Slow movement as a function of advancement in the

LEVISKY; David Léo (1995) Adolescência e Violência, Consequência da realidade Brasileira pag. 24 e 25.

LIMA, Luzia Mara Silva. O Tao da educação: a filosofia oriental na escola do ocidente. São Paulo: Ágora, 2000.

LOVISE, 2000. 171 p. Revista Educação Infantil. Ano VI – nº 34. São Paulo: Minuano. p. 7-50

M.K.O. Karatê. Disponível em: <<http://mko.com.br/esporte/karate.html>>. Acesso em: 27/09/2018

MADDEN M. E. Perceived vulnerability and control of martial arts and physical fitness students. . *Perc. Motor Skills* [S.I.], v. 80, p. 899-910, 1995.

MARANZANA, Michel. O karatê e as demais artes marciais atuais têm suas raízes mais remotas no século V. Disponível em:

<<http://www.geogities.com/michelmaranzana/origem.html>>. Acesso em: 26/09/2018

MORAIS, Editora Papirus R. *Violência e Educação*. Campinas, 2000.

NASCIMENTO, Aida Christiane Silva Lima. Pedagogia do esporte e o atletismo: considerações acerca da iniciação e da especialização esportiva precoce. Campinas – SP: (Dissertação Mestrado) – FEF/UNICAMP, 2000.

NISTA-PICCOLO, Vilma Leni (org.) Pedagogia dos esportes. Campinas – SP: Papirus, 1999. p. 09-12.

PAES, Roberto Rodrigues. Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol. 2ed. Campinas – SP: UNICAMP, 1996.

PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: De Rose Jr., Dante. Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre – RS.: Artes Médicas, 2002. p.89-98

PAPALIA, Diane E.; **OLDS**, Sally Wendkos. Desenvolvimento humano. 7.ed..Porto Alegre – RS.: Artes Médicas, 2000

PILLET, Nelson. Estrutura e funcionamento fundamental. 26 ed. São Paulo: Ática, 2007.

RAGLIN, J. S. Exercise and mental health: beneficial and detrimental effects. *Sports Med.* [S.I.], v. 9, n. 6, p. 323-329, 1990.

RANGEL, Ivo. Estudos do karatê. Salvador: Ivo Rangel, 1989.

RONDINELLI, Paula. "Luta não é violência: a importância das lutas nas aulas de Educação Física"; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/luta-nao-violencia-importancia-das-lutas-nas-aulas-.htm>>. Acesso em 29 de setembro de 2018.

RUOTT, Nelson. Quadro Negro. Folha Universal, Brasil, p.6, 05 abr. 2009.

SANTANA, Wilton Carlos de. Futsal: metodologia da participação. Londrina: LIDO, 2001

SANTOMAURO, Beatriz. Violência virtual. Nova Escola, p.5, São Paulo, ano XXV, n. 233, p. 68-73, 2010.

SOARES, Paula Regina Cerda. O scout e a competição na modalidade karatê: o estudo de caso da seleção feminina de karatê de Americana nos Jogos Regionais da Zona Leste de 1995 Amparo. (Monografia de Bacharelado) Campinas – SP: FEF/UNICAMP, 1995.

THOMPSON, Rita. Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem. In: Psicomotricidade: da Educação Infantil à Gerontologia. Cap. V. Carlos Alberto de Mattos Ferreira – Org. Lovise, 2000 – 178 p.

Trabalho de DANIEL DAL TOÉ NAZARIO; CRICIÚMA, 2012

TWEMLOW, S. W. et al. An analysis of students' reasons for studying martial arts. *Perc. Motor Skills* [S.I.], v. 83, p. 99-103, 1996.

VIANNA, J. A.; **DUINO**, S. R. Perfil desportivo dos praticantes de artes marciais: a expectativa dos iniciantes. *MotusCorporis* [S.I.], v. 6, n. 2, p. 113-124, 1999.

VIANNA, José Antônio. O impacto dos valores humanos do instrutor, sobre a conduta do atleta: o caso do karatê. Rio de Janeiro: (Dissertação de Mestrado). PPGEF/UGF, 1997.

VIANNA, José Antônio; **DUINO**, Silvana Rígido. Perfil desportivo dos praticantes de artes marciais: a expectativa dos iniciantes. Rio de Janeiro: *MotusCorporis*. V.06, nº02, p.113-124, Setembro de 2018.

WEINECK, Jurgen. *Biologia do esporte*. São Paulo: Manole, 2000.

YANG, Dong Ja. A new perspective of martial arts education for the 21st century, in: *Journal ICHPER – SD*. Vol. XXXVI, nº 03, Spring 2000. p.23-8.

F311i Feitosa, Francisco Eudes Alves.

A Importância do Karatê para o Desenvolvimento
Psicomotor de Crianças e Adolescentes e para o Controle da
Violência nas Escolas Estaduais e Municipais do Ceará. /
Francisco Eudes Alves Feitosa. Fortaleza, 2019.
94 fls. Enc. Broch.

Orientador(a): Prof. Esp. Helton Bernardino Lima.
Monografia (Graduação) – Faculdade Ratio, Curso
Serviço Social.

1. karatê 2. Psicomotricidade 3. Agressividade I. Prof.
Esp. Helton Bernardino Lima. II. Faculdade Ratio,
Graduação em Serviço Social III. Título

CDD 613.7